

Revista LiteraLivre©

Distribuição gratuita

1º aniversário

Ano: 02 - Edição: 07 - Janeiro de 2018

Literatura com Liberdade



Ano 02 - Edição 07 - Janeiro de 2018
Jacareí - SP - Brasil

Expediente:

Publicação: Bimestral

Idioma: Português

Revisão: _Todos os textos foram revisados por seus autores e não sofreram nenhuma alteração por parte da revista, respeitando assim a gramática, o estilo e o país de origem de cada autor._

Imagens: as imagens não creditadas foram retiradas da internet e não possuem identificação de seus autores.

Capa: Freepik

Site da revista:
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/comoparticipar

Contato: revistaliteralivre@yahoo.com

Página do Facebook:
https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre

Endereço Corporativo:
Rua Dos Cravos, 106 – Parque Santo Antonio – Jacareí/SP
CEP: 12.309.360

A Revista LiteraLivre foi criada para unir escritores de Língua Portuguesa, publicados ou não, de todos os lugares do mundo.
Toda a participação na revista é gratuita, com publicação em PDF e distribuição on-line.



Edições (atual e anteriores):
http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre/edicoes



(SHA256):5208fa8de9a9551cdd2156b3e9cc4506c1c24e3ec6714d79013a7511a3800ea0

Editorial

Queridos amigos e amigas, não imaginam a felicidade que sinto neste momento por trazer para vocês a edição de 1º aniversário da LiteraLivre. Há um ano eu dava início a este projeto, esperando unir autores de todos os lugares e apresentá-los aos leitores, numa eclética união cultural, valorizando e promovendo a Língua Portuguesa. Começamos divagar, sem nenhuma certeza, mas com grandes expectativas e a cada pedido de inscrição que chegava, sabíamos que este sonho literário se realizaria.

A cada edição o número de participantes era maior e os trabalhos apresentavam qualidade e diversidade de culturas incríveis. Hoje contamos com 9.123 assinantes (até o momento), centenas de autores já nos enviaram seus trabalhos e eu quero agradecer de coração a cada pessoa que de alguma forma contribuiu para que este sonho se tornasse realidade!!

Nesta edição, repleta de textos de vários gêneros, temos também a chamada especial da Ong *"Mulheres Pela Paz"*, o lançamento da *"E-Vista"* (tem matéria minha por lá) e os já aclamados *"Artista do Mês", a "Coluna CULTíssimo" (repaginada)* e o *"Haikai Engraçadinho" (meu agradecimento especial ao Jorginho da Hora pelo importante apoio).*

Dando início oficialmente ao 2º ano da revista, reafirmo a missão de levar *"Literatura com Liberdade"* gratuitamente para todos.

Continuem fazendo parte desta história de amor pela literatura, leiam, participem, divulguem, assinem, estejam conosco!!

Obrigada em nome de toda a equipe!!

Vamos mudar o mundo através das palavras!!



Ana Rosenrot
Editora-chefe

Neste Número:

Enviem seus trabalhos para a próxima edição!!
Quem já participou, pode participar novamente!
A participação é gratuita!!
Não se esqueçam de assinar a revista no site!

Envie seu trabalho para:

revistaliteralivre@yahoo.com

Fogos

Gerson Machado de Avillez – Rio de Janeiro



Coluna CULTíssimo

A sétima arte pode ser uma grande aliada quando precisamos de incentivo para recomeçar, tomar novas decisões e mudar o rumo de nossas vidas. Existem inúmeros filmes inspiradores, que contam com maestria histórias de vida, situações difíceis, hilárias, momentos de decisão, recomeço e superação. Baseados em fatos reais ou não, conseguimos nos identificar com as situações vividas pelos personagens dos filmes e essas experiências nos transmitem importantes lições, que trazemos para a nossa realidade.
Por isso, em comemoração a nova fase da coluna, trago quatro filmes incentivadores com tramas bem distintas, mas que tem em comum uma mensagem de otimismo e recomeço, confiram.

Espero que gostem, obrigada e até a próxima!!



Os Belos Dias (Les Beaux Jours – 2013 – França), dirigido por Marion Vernoux e baseado no romance *"Une jeune fille aux cheveux blancs"* (Uma Garotinha de Cabelos Brancos) de Fanny Chesnel, *"Os Belos dias"* trata da história de *Caroline (Fanny Ardant)*, uma mulher de 60 anos, casada, com duas filhas, e recém-aposentada. Ela

está de luto pela morte de sua melhor amiga e ganha de presente das filhas a matrícula em um clube de aposentados e idosos que se chama *"Les Beaux Jours"*. Mas, no clube, Caroline acabará se envolvendo com um dos professores, o jovem *Julien (Laurent Lafitte)* e apesar da diferença de idade, os dois iniciam uma relação amorosa. Mas Caroline é casada, e seu marido Philippe (Patrick Chesnais) vai fazer o que for necessário para recuperar sua esposa. Uma perfeita reflexão sobre a terceira idade, suas mudanças, receios, a insegurança e a necessidade urgente de recomeçar.

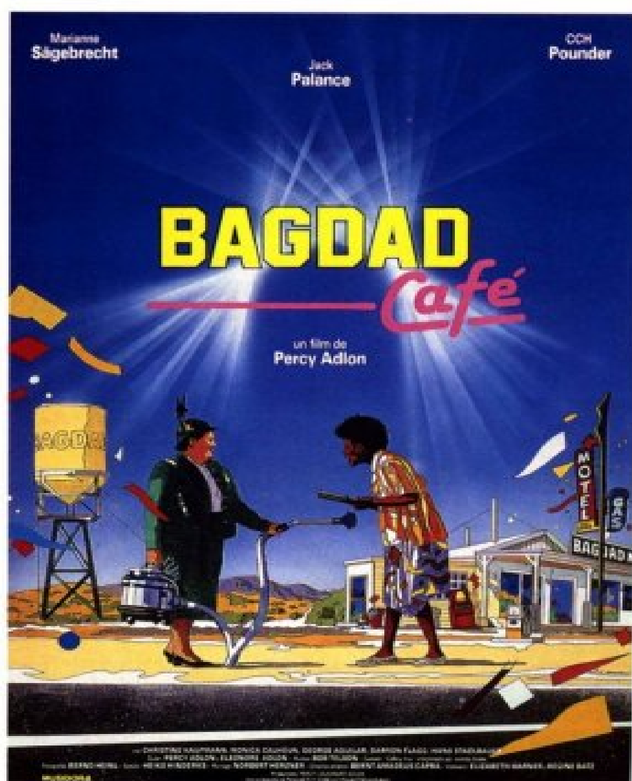


Invictus (Invictus –2009 - E.U.A) Dirigido pelo mito Clint Eastwood, o longa, baseado em fatos reais, conta como o então Presidente da África do Sul Nelson Mandela (brilhantemente interpretado por Morgam Freeman), aproveitou a paixão do povo africano pelo Rugby para unir o país e lutar contra a desigualdade e o racismo. Para isso, Mandela pede ajuda ao capitão da seleção africana, Francois Pienaar (Matt Damon) e juntos eles vencem todos os obstáculos, utilizando a linguagem universal do esporte para unificar a nação e trazer ao coração de todos a esperança de um país melhor. Um filme inspirador e emocionante que vai muito além de outros filmes de esporte, onde o importante é vencer, pois, para Mandela era o futuro da nação pela qual ele dedicou sua vida que se encontrava em jogo.



As Férias da Minha Vida (Last Holiday – E.U.A – 2006),nos trás a história da tímida e sonhadora *Georgia Byrd* (Queen Latifah, linda como sempre), uma vendedora de artigos de

cozinha numa loja de departamentos em Nova Orleãs, que resolve deixar tudo para trás ao ser diagnosticada com um tumor cerebral. Com menos de um mês de vida, Georgia viaja para um glamuroso resort europeu, onde pretende aproveitar cada minuto que lhe resta. Lá ela começa a realizar seus sonhos e ironicamente aprende a "viver". Dirigido por Wayne Wang, é uma linda comédia, com várias mensagens importantes sobre a vida e a existência.



Bagdad Café (Out of Rosenheim – 1997 – Alemanha), dirigido por Percy Adlon, nos traz uma das mais belas histórias de amizade inusitada da história do cinema. A turista alemã *Jasmin (Marianne Sägebrecht)* está caminhando sozinha em pleno deserto do Arizona após brigar com seu marido e abandoná-lo na estrada. Ela chega a um posto-motel chamado Bagdad Café e é recebida com aspereza por *Brenda(CCH Pounder)*, a dona do local que acabou de colocar o marido para fora de casa, Jasmin aos poucos se acostuma com os clientes e hóspedes do motel. Apesar do choque cultural, Jasmim e Brenda acabam desenvolvendo uma forte amizade, se completando em suas diferenças. A união dessas mulheres tão iguais e tão diferentes mudará para sempre suas vidas, trazendo novo fôlego ao Bagdad Café.

Para contato e/ou sugestões:
anarosenrot@yahoo.com.br

https://www.facebook.com/cultissimoanarosenrot

(Sem) Partido

Vivi Lazarini
Rio de Janeiro/RJ

Se meu partido é o coração partido,
Não poderei dizer-me sem partido
Uma vez que meu coração, embora partido,
Tomou partido daquilo que embasa o que penso.

Se minha escola é sem partido,
Como humanizar ideologicamente
As ações que tomam partido
Do humano que há na gente?

Partido pode ser quebrado
Partido pode ser corrompido
Partido pode ser idealizado
Partido pode ser discutido

O que não se pode confundir
É sem partido ser sem ideologia
Isso vem da imbecilidade
Daquele que vive na hipocrisia.

Também não confunda o sem partido
Com a partidária brasileira politicagem
Que manipula toda uma nação
Através de sórdida sacanagem.

Sem partido também não é
Desmerecer esta ou aquela corrente.
Sem partido é reconhecer e valorizar
A essência humana de toda gente.

Sem partido não é não ter base ideológica
Embora não ter base já seja um partido.
Sem partido é só a denominação
Do valor humano outrora perdido.



A Carta

Hércules Barbosa de Lima
São Paulo/SP

-Quantos de vocês sabem escrever?

A pergunta feita pelo professor caiu como uma bomba em nossas cabeças. Ficamos incrédulos... Ele fez mesmo essa pergunta?!

Diante da afirmativa unânime de nossa turma o professor, esboçando um sorriso sarcástico, propôs o seguinte.

-Pois bem meus caros... Durante um ano inteiro convivemos e, porque não dizer? Aturamos uns aos outros... E na nossa última atividade, que iniciaremos a partir de agora, quero que vocês escrevam cartas (ainda estávamos na primeira metade da última década do século XX, sem as opções tecnológicas de hoje). Alguns podem estar se perguntando "Pra quem vou mandar uma carta?!" E a resposta é simples: um colega seu! Vocês escreverão sobre e para vocês mesmos... E para evitar que haja "panela" vou dividir a turma em dois grupos e entregarei pedaços de papel, numerados de 01 a 15. A dupla será formada por aqueles que ficarem com a mesma numeração. Assim sendo, cada um de vocês terá um colega para trabalhar. As cartas devem ser entregues na próxima semana, a última do ano letivo.

Eu era um dos mais ansiosos pelo encerramento daquele ano "estressante", assim por mim definido com toda sabedoria de um adolescente que dedicava seu tempo à leitura da sessão de esportes do jornal comprado na banca ao lado da escola e a cultivar esperanças de amor eterno em corações femininos tão jovens, mas ainda não tão sádicos, quanto o dele.

De forma que escrever uma simples carta para um dos alunos mais populares da turma seria um exercício banal, pois conhecia todos os alunos, exceto aquele com quem eu formaria dupla: Rodrigo.

O professor me deixou justo com ele?!

Duplas definidas! Posicionamos, claro que de maneira atabalhoada, as carteiras de forma que ficássemos de frente com quem seria nosso “tema” para a carta. Dez minutos foi o tempo concedido pelo professor

-Você sabe que não sou de falar.

-Talvez seja essa a hora, mano!

- Muito bem Senhor Popular... É o seguinte: sei que meu comportamento chama a atenção por ser bem diferente. Peço para que deixe suas brincadeiras de lado e seja honesto ao escrever sobre mim, pois eu serei com você.

-Mano... Quer dizer, Rodrigo, vou logo aproveitar pra te dizer que todos se zoam aqui. Eu sou *zueiro* e você vira o alvo da nossa sala justamente por ser o mais quieto. Se em alguma dessas brincadeiras eu te ofendi...

-E quem está falando disso?! Não tenho muito tempo e não o desperdiçarei com essa bobagem de lamentação de ocasião. Lembre-se! Seja honesto comigo e eu serei com você.

O sinal tocava anunciando o término da aula.

***

A semana passou rápido

-Muito bem Digníssimas damas e distintos cavalheiros (era muito engraçada a pompa usada pelo professor quando ele falava isso), entreguem suas cartas!!!

Última aula e cartas entregues. Tudo que consegui escrever abordava a esquisitice e o silêncio perturbador de Rodrigo e que achava engraçado o cabelo despenteado dele e os óculos estilo "fundo de garrafa". No mais eu registrei que, apesar do comportamento esquisito, entendia existir alguém legal habitando por ali...

-Leia a sua em voz alta!- Disse o professor apontando o dedo indicador para mim após eu receber minha carta.

A cada palavra lida parecia que eu levava um soco no estômago

Caro amigo

Sei que o tema da carta é você e me perdoe também pela informalidade, mas me permita escrever breves palavras sobre mim.

Na sua carta você deve ter me definido como "quietão", ou aquele que se veste e comporta de maneira estranha...

Não posso dizer que você esteja errado, até porque eu me apresento dessa maneira. Deve ter escrito sobre a possibilidade de eu ser um cara legal. Mas quero que você saiba e, por favor, entenda! Escrevo isso sem nenhum intuito de ofensa:

Sou muito feliz por não ser igual a você.

Não pense ser fácil pra eu escrever isso. É desafiador falar de alguém sem cair na tentação da adulação ou do preconceito; somos seduzidos por eles a todo instante e, se não nos policiarmos, a injustiça estará feita. E qual a diferença da injustiça para um erro? Ela não tem reparo!

Você é muito popular aqui na sala, em especial com as meninas, algo que sinceramente eu admiro e o seu futuro profissional será próspero por conta da sua maneira de se relacionar com as pessoas; mas saiba que esses mesmos carisma e desinibição são capazes também de incomodar pessoas.

Por que eu digo agora estar orgulhoso? Por d0escobrir que ao querer me igualar a você eu destruía minha personalidade. Estava tentando ser uma pessoa com a qual não convivo ou entro em conflito nas vinte quatro horas, do dia.

Não tem como dar certo.

É ruim falar sobre alguém não é? Como podemos explorar outros universos de não conhecemos o nosso próprio?

Espero que não tenha se aborrecido com minhas palavras e obrigado por sua atenção e por ser o tema de minha carta

Creio que não terei outra oportunidade de fazer um registro como esse... Aproveito o momento para desejar que o ano prestes a chegar lhe seja, além de próspero, propício à reflexão. O que você terá em abundância em mim está se esgotando.

Adeus

Rodrigo

*****

Eu soube do falecimento de Rodrigo em Foz do Iguaçu, Paraná, onde eu estava com a família celebrando a chegada de um novo ano. O que me animava era vislumbrar a imponência daquelas quedas d'água (e, claro, as lindas meninas). Tirando isso, toda a vez era a mesma coisa: renovações nos objetivos traçados, promessas de emagrecimento ou fazer economias para aquela viagem sabe se lá quando ou para onde etc.

No momento que os fogos de artifício anunciavam a chegada do ano uma estrela destacou seu brilho no céu. Por que apenas eu percebi?

Nas primeiras horas da manhã do novo ano acordei disposto. Havia um envelope dourado endereçado a mim em cima da mesa da cozinha e nele continha uma carta:

Caro Amigo

Obrigado por me ajudar nesse período de transição, que começou quando lhe entreguei a carta. Viu a estrela brilhando? Foi o momento em que cheguei aqui, onde não sinto mais dor. Você ficará bastante tempo por ai. Aproveite e Feliz ano novo!

Até breve

https://www.facebook.com/herculescontadordehistoria/?ref=bookmarks

A Felicidade Não Existe

Monaliza Cristina Sousa

Teresina/PI

Certo dia resolvi perambular por uma cidadezinha do interior. Lá onde o galo dá bom dia antes do sol derreter todos os sentimentos bons do Planeta. Eu vivia como um andarilho, e adorava conhecer cada pedacinho daquele chão de barro vermelho, que grudava em meus chinelos depois de uma forte chuva de fim de ano. Era tudo úmido e solitário, mas eu gostava. Foi aí que tudo começou.

Numa dessas andanças conheci uma mulher sensata, grisalha, pele desgastado pelo trabalho ao sol. Vivia sozinha numa casa que só tinha o que comer, e onde dormir. Quando jovem, foi pedida em casamento por dois lindos rapazes diferentes que prometeram uma casa, comida e uma dúzia de filhos. Recusou tudo. Disse-me que as pessoas eram mentirosas, interesseiras e fúteis. Escolheu levar uma vida sozinha para garantir tranquilidade à sua existência.

Acordava todos os dias antes do sol, e fazia suas preces. Preparava o café e fumava um maço de cigarros até chegar a hora do almoço. Sofria de hipertensão, retenção de líquido e um problema no fígado que nunca decorou o nome. Não tomava nenhum remédio para tratar da sua enfermidade, me disse que queria que a vida fosse assim.

No fim de tarde, sentada na sua cadeira de balanço, depois de contar tudo sobre sua trajetória até aquele momento, ela encarou meus olhos como quem tivesse pena de mim e disse: "A felicidade não existe". Ofereceu-me um vinho barato, acendeu mais um cigarro. Já era o terceiro maço até às 17:48 de um dia útil. Caiu em prantos dizendo que queria morrer aos vinte e seis anos de idade, que era quando o ser humano chegava ao auge do fracasso, comentou. Onde a vida de nada mais adianta para ninguém. Desde ai, rogava toda noite impiedosamente para Deus apressar sua morte. Mas para o desespero daquela senhora, o Altíssimo passou despercebido por sua oração.

Passados alguns anos daquele encontro, soube que aos 57 foi internada numa clínica psiquiátrica porque se arriscou a viver na cidade grande, sob o julgo dos homens de terno e gravata. Passava o dia inteiro gritando impiedosamente para quem quer que fosse: "vocês são uns loucos, a felicidade não existe."

No dia seguinte que recebi essa notícia, liguei para o hospício, marquei minha internação, pois mês passado fiz vinte e seis, e confirmei que cheguei ao auge do fracasso. Gritei ao telefone com a mulher da clínica: "a felicidade não existe". E imediatamente vieram me buscar.

https://monalizacristina92.wixsite.com/queridasolitude

A Sombra

Tuany Teixeira da Silva
Duque de Caxias/RJ

Estou sendo perseguida.

Já tem um tempo que isso está acontecendo e parece que ninguém ao meu redor está se importando com a presença do meu perseguidor.

Já tentei fugir, mas ele sempre me encontra e não importa para aonde eu vou, ele vai junto. Às vezes, ele caminha ao meu lado, outras vezes, ele caminha a minha frente e na maioria das vezes ele caminha atrás de mim, me seguindo. Parece até a minha sombra, na verdade, ele é idêntico, a única diferença é que ele tem dois olhos brancos.

No começo, sua presença me incomodava, hoje já não me importo. É até uma boa companhia. Principalmente quando tenho que sair. No mercado, ele me ajuda a escolher os melhores produtos e alimentos, inclusive aqueles que nunca tive coragem de experimentar. Ele simplesmente pega e coloca no meu carrinho. No banco, ele consegue me entreter durante aquela longa espera. Não sei como, mas ele consegue esconder objetos só por encostar neles, e eu, claro, acho isso genial. No trabalho, ele prega peças em meus colegas de trabalho com os quais eu nunca tive coragem de conversar. Ele me faz rir de situações tão bobas e simples. Em casa, ele não me persegue, fica apenas quieto em um canto na sala. Acho que é um canto estratégico para assistir televisão.

E assim, a sombra continuou me perseguindo. Mesesse passaram e aquela sombra estava lá fazendo parte da minha vida. Quem diria que eu teria uma sombra como companhia?

Até que um dia, de repente, ele falou sua primeira palavra: *Hoje*. A cada momento em que ele se aproximava de mim, ele dizia essa mesma palavra. Eu não entendia e perguntava:

— O que tem hoje?

Mas ele não me respondia. Tentei continuar com a minha rotina mesmo com essa novidade no ar. Fui para o trabalho, digitei umas centenas de páginas, ouvi bronca do meu chefe e ainda tive que ouvir duas “colegas” de trabalho falando mal da minha roupa, do meu jeito e da minha cara. Mesmo assim, uma vez ou outra eu lembrava: *Meu perseguidor disse sua primeira palavra!*

Depois desse estágio de surpresa, veio o estágio de questionamento. Aliás, o que ele queria dizer com a palavra ‘hoje’ mesmo? Acho que se não fosse por essa novidade meu dia seria mais do que péssimo.Exceto por um outro pequeno detalhe. Um colega de trabalho veio até mim e disse que tinha encontrado o meu chaveiro no corredor da sala dele. Era um chaveiro de um personagem de desenho animado que eu gostava muito. Ele me entregou dizendo que sabia que era meu porque ele sempre me via com esse chaveiro preso na bolsa e, para completar, ele também gostava muito desse desenho animado. Fizemos alguns pequenos comentários sobre o desenho, depois ficou aquele silêncio desconfortável e, em seguida, cada um voltou para o seu trabalho.

Na manhã seguinte, minha amada e linda sexta feira tinha finalmente chegado. Acordei com preguiça e sono acumulado como sempre, mas fui despertada pelo novo conjunto de palavras que meu perseguidor havia aprendido: *Estou aqui*. Tive que ouvir esse bendito “estou aqui” o dia inteiro e em diversos momentos diferentes. Cheguei a sonhar na época em que meu perseguidor não falava. Para piorar, eu tive mais do mesmo. Mais trabalho, mais bronca do chefe e mais comentários desgostosos ao meu respeito. O dia só foi salvo por um pequeno detalhe, uma colegade trabalho, que sempre passara despercebida por mim, me perguntou se eu queria ir no novo café, que abrira ali perto. A primeira resposta que pensei foi *não, obrigada* e, naqueles milésimos de segundos de pensamento constante,pensei também em inventar uma desculpa qualquer para não ir, no entanto a vontade de conhecer aquele novo café falou mais alto e, assim, aceitei o convite. Marcamos para ir na segunda feira de manhã. Era a primeira vez que

eu saía acompanhada em anos, eu digo acompanhada com uma pessoa normal e não com o meu perseguidor.

O sábado chegou e eu não consegui acordar tarde como havia planejado. Acordei quase no mesmo horário para ir trabalhar e meu sono estava ali, acumulado. Me arrastei até a sala e liguei a televisão. Fiquei trocando de canal sem ver direito o que estava passando. Enquanto isso, meu perseguidor ia se aproximando lentamente de mim até sentar ao meu lado dizendo: *Amanhã*.

Eu olhei para ele sem entender e perguntei:

— O que tem amanhã?

Ele me respondeu simplesmente:

— Amanhã.

E foi assim que passei todo o meu sábado: dando faxina na casa e ouvindo o meu perseguidor dizendo "amanhã".

Domingo amanheceu chuvoso e como "bom dia!" recebi as seguintes palavras da minha sombra: *não estarei mais*. Neste instante, eu percebi que algo estava acontecendo. Cada dia, ele falou um conjunto de palavras diferentes. Ele estivesse tentando se comunicar e eu torcendo para que ele calasse a boca! Deste modo, resolvi tentar entender o que ele queria dizer para mim. De tanto ele falar, eu sabia exatamente cada palavra dita nesses últimos dias. Quando juntei tudo, formou a seguinte sentença: hoje, estou aqui, amanhã, não estarei mais.

Meu coração gelou.

— Como assim? Você vai embora?! – gritei para ele e ele nada me respondeu – por que você não responde? Eu sei que você sabe falar! Você falou comigo todos esses dias e agora não consegue me explicar que raios de frase é essa?

Ele não respondeu. Apenas continuou parado lá, me encarando com aqueles olhos grandes e brancos.

— Não vai me explicar nada? – perguntei mais uma vez. Esperei ele responder, mas nada aconteceu.

Fiquei irritada com tudo aquilo, dei as costas para ele e me tranquei no meu quarto. Assim, passei o restante do dia.

Lembro que naquela noite eu senti tanto frio que acabei acordando. Ao abrir os olhos, percebi que não conseguia ver nada, apenas escuridão. Eu estava imersa em uma escuridão tão grande que eu não via a minha cama, muito menos os meus cômodos. Um vento frio passou por mim novamente. Tive uma pequena sensação de que o vento vinha da janela do meu quarto, talvez eu a tivesse deixado aberta.

Fui andando pela escuridão com a mão estendida, esperando tocar nos móveis do meu quarto, mas não fui capaz de tocar em nenhum deles, não importava o quanto eu andasse. Tentei voltar para a minha cama, mas ela não estava mais lá. Comecei a sentir medo. Medo do desconhecido, medo do escuro, medo do que poderia acontecer comigo... Para completar, eu me sentia sozinha. Me abracei, sentei no chão e fechei os olhos. Não adiantava continuar andando no vazio.

Aos poucos comecei a ver e sentir coisas. Por um momento, me identifiquei com os sentimentos, mas depois percebi que esses sentimentos não eram meus, muito menos as lembranças eram minhas. Foi então que eu entendi onde eu estava. Estava imersa na solidão do meu perseguidor. Por isso, comecei a ver o que ele via e a sentir o que ele sentia.

Ele estava morrendo e não tinha ninguém, estava completamente sozinho no mundo. Foi por esse motivo que ele passou a procurar alguém, pois não queria morrer sozinho, no entanto ninguém parecia enxergá-lo. Até que ele me encontrou. A única que o enxergou verdadeiramente e retribuiu o olhar. Uma mulher pensativaque morava sozinha no apartamento 101 encima de um bar. Ele sentiu que compartilhávamos a mesma solidão. Ele se viu em mim e achou que eu seria a companhia perfeita para seus últimos momentos de vida, pois quando eu o vi, ele viu dentro dos meus olhos os mesmos sentimentos e inseguranças. Tudo mudou quando ele percebeu que a solidão era um perigo. Assim, a minha

sombra achou que poderia fazer algo para acabar com a minha solidão. Foi por isso que ele tentou fazer com que as pessoas se aproximassem de mim, do jeito dele, é claro. Foi ele quem armou para que eu perdesse o chaveiro, foi ele quem armou o encontro no café... fora as outras lembranças que eu não consigo entender... todas elas com pessoas que faziam parte da minha vida de alguma forma.

Antes que eu pudesse perceber um vento gelado passou por mim e foi levando tudo: todos os sentimentos, todas as lembranças e também a escuridão. Eu estava no meu quarto de novo, mas dessa vez eu sentia que eu estava completamente sozinha, que a sombra tinha se despedido e ido embora para sempre.

Minha cara sombra, não sei seu nome, não conheço sua história, mas sou eternamente grata por você me fazer entender a minha própria solidão. Engraçado... diante de tantas sombras que eu vejo, foi você quem eu consegui enxergar. Fico feliz que tenha sido você, pois graças a você pessoas passaram a entrar na minha vida e eu passei a permitir que elas entrassem na minha. Graças a você, hoje, já não estou mais sozinha. Espero que um dia meu agradecimento chegue a você de alguma forma.







Amor Primeira À Vista

David Leite

Jandira/SP

- Cartão ou dinheiro?
A voz soava como uma sineta de prata. Tudo na figura da balconista era desconcertante. O chiclete sendo mascado despreocupadamente, em uma longa atassalha com os lábios abertos, o olhar estafado aguardando sua resposta, a resposta que deve ter ouvido milhares de vezes somente aquele dia, apenas variando entre um e outro. Pensou em dar-lhe uma terceira que esperava jamais ter tido antes, mas reservou-se.
- Cartão.
- Débito ou crédito?
Soa a sineta de novo. Reparou na mancha de gordura de seu avental, e como aquela nódoa indisfarçável conspurcava aquele monumento em sua frente. Pensou em retirar seu lenço e delicadamente consertar aquela imperfeição, mas temia cometer alguma indiscrição.
- Crédito, por favor.
Quando retirou o cartão de sua mão, tentou roçar seus dedos na dela, tentando, com esse pequeno gesto, transmitir algum sinal do anseio que surgiu ali, dentro dele, quando se dirigiu a pagar sua conta. Errou quando tentou, pois não conseguia baixar o olhar da mira daquele exaurido rosto de madona. Ela pega seu cartão com certa rispidez, num gesto mecânico de quem já o realizou indefinidas vezes, passa-o na máquina, e oferece a ele com a face de teclado voltada à sua direção. Um robô em seu lugar não teria se movimentado com menos graça.
Pensou em digitar os números de seu telefone, e, no erro que acusaria, citar esse erro, como um pequeno flerte, na esperança de ter retorno dela, caso guardasse os números. Esqueceu tal ideia. Aperta os botões da senha, a máquina apita e imprime a boleta de comprovação. A moça rasga o papel, e dá a ele com uma caneta para sua assinatura. Ali se apresentava outra oportunidade.
- Vou deixar meu telefone aqui também, caso tenha algum problema. – Diz, esperançoso.
- Não precisa – A resposta, dura.
Frustradas as tentativas, ele aceita sua via e se dirige a porta, com ombros baixos, sem olhar para trás. Retira a chave da Mercedes do bolso, desliga o alarme com um bipe e, ao entrar no carro, lança um último olhar para dentro da lanchonete. Algo havia quebrado o olhar duro da moça e agora ela observava com uma certa curiosidade. Reanima-se, então. Amanhã era dia de outro café ali.

www.facebook.com/manicomics.toys





Artista do Mês

Márcio Apoca
Campo Mourão/PR

Charles Addams

Cartunista Americano

(texto Ana Rosenrot)

Charles Samuel Addams, foi um cartunista americano. Ele nasceu em Westfield, Nova Jersey, em 7 de janeiro de 1912. Na juventude, Addams trabalhou no departamento de arte de uma revista de criminalística e sua função era pintar cruzes pretas nas fotografias, indicando o lugar onde cadáveres haviam sido encontrados. Seu humor mórbido floresceu na revista norte-americana The New Yorker, em 1936.

Um ano depois a revista publicaria os seus inspirados cartoons da Família cujas figuras góticas, sombrias e carregadas de humor negro, mais tarde, ganhariam vida numa série feita para a televisão: A Família Addams, que se tornaria um clássico, influenciando gerações. Esta série acabou sugerindo outra, igualmente famosa: Os Monstros. Mais tarde, "A Família Addams" foi adaptada para o cinema em dois filmes de sucesso em 1991 e 1993, tornando estes icônicos personagens inesquecíveis.

Charles Addams faleceu em Nova Iorque em 1988 aos 76 anos.



https://www.facebook.com/apocastudios

As Brumas

Bruno Candéas

Aracaju/SE

Quero ser chuva
pingo certeiro
inundar teu umbigo.

Quero ser praia
grão de areia
irromper teu foco.

Quero ser brasa
fagulha desnorte
marcar teu seio.

Quero ser lira
doce canção
impulsionar tua leveza.

Quero ser vento
brisa pastoril
nativa de teu pomar.

Quero ser árvore
galho robusto
zelar pelo teu ninho.

Quero ser sonho
andorinha casta
suas asas de linho.

Quero ser místico
gruta cósmica
sublime concepção.

https://www.facebook.com/profile.php?id=100009145923397

Ascenso Entre Os Cartolas

Adrian'dos Delima
Canoas/RS

Calma
filho, tenho
tudo (estala o mingo) muito
claro (o médio)
Domingo é dia
de jogo, o jogo
adiado   claro   escuta
é fácil
Faz-se (sorri
levemente) um culto-
espetáculo
Espeta-se o diabo
e temos
os mesmos
rostos encolerizados
os punhos cerrados
a catapora
pra fora tudo
no seu lugar
ajustado
o grito rouco
calado
(enxuga
a testa) Aceita
um bom-bocado? "Claro
(que dizia Pessoa)
tudo
que vem é grato."



Avessos e Direitos da Emília

Amélia Luz
Pirapetinga/MG

Ela saiu de duas mãos negras, quase escravas,
e de um sorriso meigo num rosto de África, Nastaça!
Alguns trapos coloridos
os cabelos em algodão negro desfiado
e macela perfumada para rechear.
Assim nasceu a extravagante Emília,
muda, olhos arregalados de retrós!
Uma dose de pílula falante desembesta a falar,
autoritária, arrogante e birrenta!
Malcriada e teimosa é egoísta,
muito esperta nas suas estripulias...
Tirana e interesseira observa tudo
tão pequenina como toda boneca de pano.
Anda pelos arredores à cata de novidades



carregando a sua canastra, (seu tesouro),
cheia de bugigangas que vai recolhendo
quando nas suas muitas atrapalhadas.
Não se sabe se é gente ou boneca,
levada da breca é temida por todos
vivendo a fantasia da sua criação.
Figurinha surreal centraliza as atenções
esbanjando suas asneiras com convicção!
Suas histórias são cheias de mistérios
que vão além da imaginação...
Assim, vive a liberdade ao sabor da sorte,
Recriando a alegria da vida do folclore rural
No mundo encantado de Monteiro Lobato.





Banho de Açude

Regina Ruth Rincon Caires
Araçatuba/SP

O aviso fora dado pela enésima vez...

Mas, vivendo a plenitude da meninice, como resistir a um banho de açude naquele calor infernal?!

Nos arredores da vila, nas áreas de vários sítios e fazendas, os açudes multiplicavam-se ano a ano. Escavados, brotados das minas; enfim, eles espocavam convidativos, tentadores.

E assim, para o desespero e a preocupação dos pais, não havia tarde que não terminasse com os meninos varando cercas de arame farpado, cruzando plantações, pastagens, e mergulhando nas águas nem sempre limpas daqueles imensos açudes.

E, apesar dos inúmeros avisos, Mário estava sempre entre eles. Cansava de prometer a si mesmo que não mais desobedeceria às ordens do pai, que não quebraria o acordo firmado com ele, mas era uma tentação quando os ponteiros do relógio da igreja matriz iam marcando três horas da tarde...

Os meninos, sorrateiros, iam-se esgueirando das casas, da praça, e seguindo em direção de algum açude. E aí o coração não resistia! Mário, num átimo, jogava às favas as promessas, e só se acalmava quando sentia o frescor das águas do açude no seu corpo...

E todos faziam tudo do mesmo jeito. Quando estavam bem próximos do açude, principiavam a correr enquanto desatinados se despiam. Na largueza da inocência, na sofreguidão da liberdade. Calção e camisa eram tirados do corpo e displicentemente enrolados. Cuecas e sapatos não havia. Naqueles tempos, meninos não usavam cuecas, e calçado nos pés era só para a escola, igreja ou passeio.

Cada um escolhia um lugarzinho para deixar a sua acanhada trouxinha a salvo até que saíssem do banho. Podia ser junto ao tronco de uma árvore, na sombra de uma moita de capim, sobre um cupinzeiro, não importava. A única preocupação é que a roupa ficasse protegida da água do açude.

Mas o pai de Mário queria colocar ponto final naquela série de desobediências, e o pobre caborteirinho nem de longe imaginava que seria justamente naquela tarde.

Lépido, ardiloso, conluiado com os companheiros, num triscar de olhos atravessava os pastos, as plantações, vazava as cercas, se despia, arrumava as roupas perto do tronco de uma árvore, e se jogava no açude.

E o açude virava uma festa! A água, antes serena, pipocava com os saltos, e logo, com o incessante pisoteio agitado de todas as crianças, o barro do fundo ia subindo e turvando tudo, até formar um lamaçal. Parecia um bando de jacarés rolando os corpos nus.

E o barro grudava nos cabelos, nas costas, sob as unhas, nas curvas das orelhas... Por mais que se esfregassem para limpar, não havia como não levar resquícios para casa e, consequentemente, fragilizar a argumentação de que não incorreram na desobediência de nadar nos açudes. As evidências estavam sempre presentes. Se não na roupa, com certeza, no corpo.

Naquela tarde, no meio das risadas, dos saltos, das brincadeiras, ouviu-se uma voz ao longe, gritando:

- Mário! Mário, você está aí?!

Mário, que reconheceu a voz do pai, estremeceu.

De longe, o açude apinhado de cabecinhas enlameadas, brilhando ao sol, silenciou. Era totalmente impossível reconhecer cada criança.

O mais experiente deles, numa tirada de mestre e líder, respondeu:

- Seu Osvaldo, o Mário não está aqui, não!

E Mário apavorado, petrificado, meio escondido atrás de dois amigos, prendia a respiração, não conseguia arfar o peito tamanho era o medo.

Seu Osvaldo, aparentando muita calma, respondeu:

- Está bem... Eu me enganei pensando que ele estivesse aqui...

Dizendo isso, Seu Osvaldo deu meia-volta e lentamente foi caminhando em retirada, refazendo quase o mesmo trajeto que percorrera na vinda.

As crianças, percebendo que ele se afastava, voltaram às brincadeiras, às cambalhotas, e às risadas como se nada tivesse acontecido. Mário ficou meio ressabiado, mas logo esqueceu. E brincou... Como brincou...

Seu Osvaldo, com seus olhos astutos de quem um dia já fora criança, ia caminhando lentamente e olhando de esguelha cada trouxinha de roupa colocada aqui e ali. E encontrou a trouxinha de Mário, com aquela velha camisa, surrada. Disfarçadamente, abaixou-se e rapidamente a recolheu. Estavam ali a camisa e o calção.

Seu Osvaldo continuou a caminhada rumo à vila, abraçado à trouxinha de roupas do filho. Calmamente... E seguiu para casa.

O sol estava baixando, e era chegada a hora de Mário cuidar da limpeza do corpo antes de vestir a roupa e seguir de volta para a vila. Era preciso estar em casa antes da escuridão da noite chegar.

E todos foram saindo do açude.

Mário se lavou inúmeras vezes, esfregava o couro cabeludo com as unhas até que ardesse. Esperava a água se acalmar, esperava a lama assentar-se no fundo, e mergulhava a cabeça para se livrar do barro. E esfregava cada curvinha das orelhas para remover o barro teimoso que insistia em não sair.

Pronto. Agora era só caminhar devagar até encontrar a árvore aonde deixara as suas roupas. Assim, caminhando devagar, evitaria que o barro fosse espirrado nas pernas e o corpo ficaria completamente seco com os últimos raios do sol.

E assim foi...

Os companheiros estavam quase todos vestidos, muitos já caminhavam de volta, e Mário ainda procurava as suas roupas. Olhava de um lado, de outro, e nada. Foi ficando intrigado e pôs-se, desesperado, a perguntar a um e a outro.

Nada... Em poucos minutos virou uma verdadeira caçada às roupas de Mário. Inutilmente... Os mais medrosos puseram-se a correr rumo à vila. Não podiam se atrasar! Os companheiros mais chegados, calados, cansados da busca e imaginando o que havia acontecido, foram se dispersando.

E Mário ficou ali, parado. E nu.

Sabia exatamente o que o aguardava. O pai havia levado as suas roupas, e teria de enfrentá-lo. Nu...

E, como chegar até lá? Como um menino de dez anos pode atravessar uma vila, assim, pelado?!

Olhando o céu e percebendo que logo seria noite, juntando a vergonha de caminhar nu e o medo do escuro, Mário foi mudando os passos, vagarosamente.

O trecho de volta, naquelas condições, tornara-se mais longo, infinitamente mais longo, e logo precisou apressar o passo. E assim, ele foi correndo de árvore em árvore, de moita em moita, para tentar esconder a sua nudez.

Mário vazou cercas, cruzou pastos, plantações... Nu.

Ficava apavorado quando lembrava que estava perto da vila. Como passaria pelas casas, como enfrentaria as pessoas, assim, pelado?!

E foi caminhando, aos trotes, aos pulos...

O sol sumiu, a noite estava à porta. E o medo, também...

Atravessou a primeira rua da vila, escondeu-se atrás de uma casa. Ainda bem que não existiam muros. Só cercas.

E foi, já no escuro da noite, correndo de parede em parede, esgueirando-se por moitas de bananeiras, varando cercas, atravessando ruas na noite escura. E a cada espaço de tempo, respirava fundo, benzia-se e pedia a Deus para que aplacasse a ira do seu pai. Não escaparia da cinta, disso ele sabia. O que pedia a Deus é que as cintadas fossem menos iradas, mais suaves...

Enfim, Mário chegou ao quintal de casa. Caramba, no varal não havia nenhum pano, nada para se cobrir!

Tinha certeza de que o pai, a mãe e seus irmãos estavam lá dentro, esperando por ele. E sabia que seus irmãos iriam cair na risada quando ele entrasse pelado. Talvez não. O pai devia estar furioso e os irmãos não iriam ter coragem de rir! Duro ia ser aguentar a gozação, a zoeira dos próximos dias...

Mas não queria pensar no depois. Tinha de resolver o agora. E com a voz quase sumida, disse:

- Pai!

Nada, ninguém apareceu.

- Paiêêê!!!

Gritou tão forte que chegou a fechar os olhos.

E o pai apareceu. Imenso. Parecia maior que a porta!

E Mário ali, em pé, no escuro, e pelado. Nem queria olhar para a mão dele. A cinta deveria estar ali, saltitante, ávida pelo seu lombo, pronta para estalar...

Mas não estava. Para sua surpresa e alívio, não estava.

Mário caiu no choro. Choro de vergonha, de medo, de arrependimento, de tudo...

E Seu Osvaldo entendeu. Não seria preciso castigar mais. Limitou-se a buscar uma toalha, cobrir o filho, abraçá-lo e dizer:

- Mário, meu filho, que esta seja a última vez!

E parece que foi...



Beco Sem Saída

Marco Trindade
Rio De Janeiro/RJ

Lutar contra o tempo
Viver moribundo
Sorrir para o tédio
Chorar pelo mundo

No banquete amargo da vida
Ver a poesia esquartejada
Sendo servida aos cães engravatados

Não ter alegria
Perder o afeto
Ser filho da dor
Viver no ostracismo da arte

Nascer poeta
E morrer estrangulado
Por nunca atingir qualquer tipo de meta



Bolo de Cenoura

Diêgo Laurentino
Pombos/PE

Se eu fosse o Frank O'hara eu
provavelmente escreveria algo sobre
a plenitude de fazer bolo de cenoura
com cobertura de chocolate contigo
numa tarde fria que é diferente da
plenitude de rir das esculturas moles
do Claes Oldenburg num passeio pelo
MoMA quando a correria da vida parece
que parou um pouco pra que a gente
pudesse ter esse momento com a
cabeça cheia de ideias do porquê
dos artistas fizerem o que fizeram
que é parecido com o questionamento
de quem resolveu juntar todos esses
ingredientes num bolo e como tudo
isso funciona de uma forma unificada
que algum de nós dois fez em alguma
dessas tardes de culinária em que
a gente se diverte tanto que chega a
parecer que eu não mereço ser tão
feliz com alguém como eu sou contigo
quando as vezes eu sinto que não me
esforço tanto como quando o Warhol
carimbou as flores de lis nas latas
de sopa Campbell daquela série

icônica como a série de orgasmos
que a gente tem sempre que consegue
ficar uma tarde inteira sozinhos
espremidos no beliche do teu quarto
e com cuidado pras crianças dos
vizinhos não ouvirem os barulhos da
cama e dos gemidos abafados que vão
se extinguindo pra me dar a oportunidade
de ver o teu sorriso maravilhoso outra
vez me dar a sensação de caminhar sem
pressa sentindo a brisa nas pontes
do Recife Antigo que assim como te
abraçar me faz sentir tão bem quanto
fez da primeira vez que senti.







Cadeira de Balanço

Olidnéri Bello

Fortaleza/CE

Sob lembranças, vai e vem,
Proporciona o bem como ninguém,
Embala fatos e sonhos – uma vida passada,
A qual, sem motivo, é recordada.

Cenas que, de forma intrometida,
Vêm à mente inadvertida.
No doce embalo, passa-se a hora
Com risos ou uma lágrima que chora.



Vai e vem, assim trabalha a cadeira,
Tão logo ocupada a garapeira madeira.
Toda a vida engata nesse movimento,
Recordações brincam nesse momento!

Que magia possui esse balanço?
Agita meu interior, mas não me canso,
Ao contrário, é nessa especial cadeira
Que encontro a paz derradeira.

Caixa de Correios

Lenilson de Pontes Silva

Pedras de Fogo/PB

Lá do meu quarto,
Trim! Trim! Trim!
Chegou uma carta para mim
Solucei no meio dos trim! Trim!
Logo irei vê-la
O toque range sem fim...
O Carteiro já saiu
Ficou olhando para mim.
Está frio aqui fora...
Hoje está assim,
Mas o meu coração se aqueceu,
Quando ouviu, trim! Trim! Trim!...



Canção da Chuva

Antonio Bastos
Belém/PA

Era Deus a chuva que caia?
Aquele fio dançante de água comprida?
Era a minha vida?

Colossal,
O dinheiro.
Sangrando a vida como carpinteiro
Abissal esperança
Esperando a vida como uma criança

Era bonito
Acreditar com o pedaço da carne
Ser sangue em brasa
Dar o lugar ideal
Ao Descomunal
O Todo Poderoso

Era Celestial
Esquecer os castigos
Procurar abrigo
Nas carícias do tempo

Canção abençoada
Que toca as bases primárias
Põe-te em frente às horas
Alaga um coração desesperado
Inunda.





Carmen

Jordão Pablo de Pão

Niterói/RJ

Carmen, com n. Fiz-me grande nas terras de outrem, porque no Brasil o sucesso só é aceito quando assinado pelo Tio Sam. Criaram uma imagem para mim que não era senão um batom exagerado, frutas na cabeça, saiote com babados e pulseiras múltiplas. Reboco grosso sobre minha alma melancólica. Meus demônios eram mais vociferantes do que a vontade deles de dar errado. Estiquei as mãos para os meus batutas, porque arte se faz junto, espontaneamente combinado.

Subíamos nos palcos com os sorrisos compartilhados de bons amigos. Eu era a excêntrica-meia pata-presença afirmada; eles, os meus bons meninos, que envenenavam as melodias e recolocavam as minhas caras e bocas. Queria o sonho de muitos, o Brasil que explodia em alvorada no morro ou que se desenhava nas linhas do mar de Dorival. Ainda o sabor de seu camarão com chuchu, de um prato quentinho de sopa e a liberdade tão quista para cantar...

Quando pisei em terras estadunidenses, não era uma estrela eterna, como hoje me querem. Cantei o nome do Brasil, coloquei suas vinte e sete estrelas no céu da Casa Branca. Sou dos tico-ticos, de sóis nunca nascentes na madrugada e dos bebês que estão a chorar, ciosos de mamar. Nunca me delimitei, porque sou artista e meus ornamentos não são mais do que minha expressão. Forjo sentimentos e sentidos, meu público me sente.

Ah, e tenha dó: esse lance de voltar americanizada é intriga da oposição. Sempre fui a Carmen das quatro paredes, que luta pelo sucesso coletivo nesses 40 de incontáveis mortes e desalentos. O mundo só é grande porque heróis colocaram um país, ainda que exótico, nas ondas do rádio e nas telas modernas. Escrevo possibilidades, encontro formas de fazer arte. Serpenteio minhas mãos e nada basta a esse quase continente que hoje me canta em mito. Um dia o Brasil aprenderá a prestigiar seus talentos antes que eles morram. De verdade.

jordaopablo.wordpress.com



Carne Viva

Lírico

Com a alma em carne viva,
Meus olhos beijaram-te.
Primeiro silêncio.
Depois escuridão.
Por fim: consentimento.

Como quem acorda de um sonho,
Vi na sua inesperada chegada
O meu mais leviano encantamento.

Como arco-íris após longa chuva,
Céu após violência da tempestade,
Minha alma virou solo fecundo, floresta feita por um grão.
Como um embalo de paz em criança,
O coração criou um singular compasso...

Que acordes comporiam a insólita música ?
Que poesias substituiriam a covardia do toque?
Que silêncio denunciaria o sentimento escamoteado?







Carpe Telephonum

Rodrigo Schevenck

Os dias são assim. Você está conectado. Ao mundo e a todo mundo. Antes fosse uma prévia de algum texto de aconselhamento espiritual ou de alguma obra motivacional que inspira mudanças de vida e tatuagens de gosto duvidoso. Porém o objeto aqui abordado é a ferramenta de comunicação mais poderosa de todos os tempos até agora: O Telefone Celular.

O celular em seu primórdio era somente usado para falar, depois evoluiu para a troca de mensagens de texto e hoje em dia já nos permite: tirar fotos, filmar, despertar, gravar lembretes, jogar, ouvir músicas, acessar a internet e suas redes ditas sociais. Entre outras inúmeras funções que parecem não ter fim e limite. Tudo no mundo está a um toque. Celular é agora, é matéria urgente. Sabemos, ou julgamos saber, de tudo e cada vez mais rápido. Desde aquele desastre do outro lado do mundo ao mais novo tratamento dentário daquela subcelebridade que odiamos acompanhar. É o presente mais presente, cada vez mais acelerado, perto do futuro e já passado.

O celular como objeto tecnológico delicado carece de cuidados especiais. Protegemos nossos celulares com capas e películas. Ficamos desesperados com o nível da bateria de nossas simbioses digitais. Simbiose aparente benéfica para nós. Mas quem cuida de quem? Temos retirado um tempo para recarregar nossas energias? Eu não me lembro a última vez que me enchi de cuidados especiais. Que me protegi de possíveis quedas, que me revesti com zelo e atenção. Muito mais provável nos atirarmos ao chão para impedir que o celular sofra alguma avaria.

Vagamos corcundas pelas ruas. Presos a possibilidade do acontecimento. Do fato novo. Do convite. Da lembrança. Aquele amigo posta uma foto num evento aparentemente incrível e você não foi convidado. O inferno da exclusão digital. A festa é sempre no outro apartamento. O paraíso das fotos que saltam aos nossos olhos com viagens, festas, jantares, encontros e toda sorte de felizes acontecimentos. A nova mordida na maçã da tentação. Cravamos o dente sem pestanejar e compartilhamos.

O celular como a maçã invisível do conhecimento, provamos do seu gosto e envergonhados cobrimos nossas selfies com cores, filtros e efeitos. Abriu nossos olhos para uma nova realidade ou para uma realidade própria. Hoje podemos escolher, tirando questões crucias ou virais, o que queremos saber e essa escolha nos ajuda a ficarmos seguros em nossas bolhas. Andamos indiferentes ao outro e a nós mesmos e agoniza tudo o que requer tempo e trabalho. E que não tenha conexão com um celular. Estamos nos desligando da vida, são as nossas digitais servindo nossos digitais.



Catimbau

Carlos Henrique Barth

Macaé/RJ

Uma das recordações que levo da infância é o vento nordeste. O chamávamos, respeitosamente, de nordestão. Nunca chegava pacificamente, sempre com violência. Vinha para nos mostrar que era mais forte e éramos insignificantes. Levava os guarda-sóis e as tampas das caixas de isopor que guardavam a cerveja. Levantava saias e fazia os veranistas correrem para casa. Tombava os carrinhos que vendiam milho verde e desfolhava os exemplares de Zero Hora que a molecada vendia. Metia medo nos pescadores da barra do rio Tramandaí. Foi por culpa dele, em grande parte, que morreu Catimbau. Por culpa do vento nordeste e de um detalhe que lhe custou a vida.

Catimbau era um velho pescador. Ou será que minhas memórias me traem e o apresentam em minha recordação mais velho do que realmente era? Que idade teria quando faleceu? Nunca saberei. Nem seu verdadeiro nome, ao menos, sei. Tampouco conheço a origem de seu apelido. Talvez fosse apenas um homem dos seus quarenta e poucos anos brutalmente envelhecido pela vida dura e pelo vento inclemente. Em minhas lembranças de criança vejo um senhor de cabelos sujos, encaracolados e desgrenhados. Os dentes desalinhados e amarelados pela nicotina. Vejo-o sempre rindo. Creio que nunca o vi de mau humor ou triste. Tinha um grande coração, o Catimbau.

Possuía um senso de humor formidável. Sua visita diária ao boteco era folclórica. Religiosamente, quando voltava do mar, passava no bar de meu tio Norberto com o pretexto de esquentar o coração ou refrescar a garganta, beber para esquecer ou para recordar, comemorar ou afogar as mágoas, ou qualquer outra justificativa de seu vasto repertório para encher a cara. Vinha com o blusão de lã desfiado e uma surrada touca do Grêmio, também de lã, por onde tentavam

escapar seus cabelos rebeldes. Eles, os cabelos, escapuliam por baixo da touca e se projetavam para o céu desafiando as leis da gravidade.

- Me dá uma cachaça – pedia.

- Um pente? – questionava Norberto fingindo-se de surdo. A mão em concha ao redor do ouvido. O corpo curvado.

- Não. Uma cachaça – elevava a voz o cliente.

- Ô, nega! Traz um pente pro Catimbau – gritava o dono do botequim para a esposa.

- Não, caralho! Quero uma cachaça! – o cliente, por fim, aos berros.

Todos riam, principalmente o dono do boteco enquanto servia três dedos de aguardente no copo ensebado. Bebia sua pinga e seguia pelo bairro vendendo seu pescado. Ao final da tarde, todos os dias, nosso futebol – que era disputado em um beco! – sofria uma baixa. Milton, filho de Catimbau, tinha a tarefa de ensinar o pai a ler. Lá ia o guri, revoltado. *"Não adianta, mãe. O pai é burro. Ele nunca aprende."* Certamente essas duras palavras ditas no passado hoje doem em seu coração. Mas ele era um bom menino. Só não tinha a sabedoria, ainda, de perceber que o pai não era burro. Era um herói.

Um dia saiu para pescar e não voltou. O nordestão chegou muito rápido, surpreendendo até mesmo os velhos lobos do mar. A embarcação naufragou na saída da barra, onde o mar é traiçoeiro. Catimbau lutou para salvar um companheiro que se afogava. O detalhe, que lhe custou a vida, era que não sabia nadar. Nunca aprendeu. A despeito disso, morreu tentando salvá-lo pois era seu dever. Era seu destino. E o destino não liga para detalhes.



Cativos

Robinson Silva Alves

Coaraci/BA

Sou dono desta terra
Cuidei do solo sagrado
Fui expulso de minha casa
Cruelmente massacrado

Corria descalço
Na vasta vegetação
Onde antes havia vida
Restam cinzas
Destruição

Ouvia o canto dos pássaros
O doce som da floresta
Vivia da natureza
Manejava arco e flecha

Meu povo está extinto
Barbaramente massacrado
Restaram apenas lembranças
De um glorioso passado

Minha gente
Foi sequestrada
Arrancada do seu chão
Extirpada de sua pátria
De sua amada nação
Minha mãe África
Minha maior paixão

Foram trazidos
Para esta terra
Servir a escravidão

Fui torturado
Sofri a exploração
Jogado nas senzalas
Na mais vil servidão

Transportado cativo
Nos cruéis navios negreiros
Transformado em escravo
Feito prisioneiro

Mesmo depois
De tanto tempo
Ainda existe opressão

Índios morrem
Negros morrem
Nos cativeiros da omissão.

Cena Doméstica

Ricardo Ryo Goto
São Paulo/SP

Para Charles Kiefer

"Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse faço" - Romanos, 7:19
"Homo homini lupus (o homem é o lobo do homem)"- Plauto

-Se latir, apanha !

Os velhos escutaram os ruídos do portão se abrindo e o andar trôpego, antecipando a chegada do filho mais novo.

Não obstante a advertência da mulher (só queria evitar maiores desavenças), o pequeno cão -um poodle branco de mais de 10 anos – investiu contra o recém-chegado pulando até a altura dos joelhos, rosnando furiosamente, mordendo-lhe uma das mãos.

-Se entrasse um ladrão ele o receberia de braços abertos, quieto e amigável – emendou o pai, ironicamente. Então não era aquele ente um ser estranho, um intruso?

Mas o animal apenas reagia aos humores dos seus convivas. O rapagão, que vez ou outra adentrava a casa dominado pelo efeito da "erva", mesclava atitudes eufóricas e brincalhonas com lapsos de agressividade traduzida pela verborragia mais infame e descarada possível, cada vez mais violenta:

-Sai prá lá, cão do inferno – resmungava Diogo com a voz pastosa e reticente, enquanto desferia-lhe um pontapé, retribuindo-lhe a mordida.

Depois de totalmente humilhado, o lulu resignou-se a deitar sobre o pano sujo que lhe servia de cama num canto da sala.

A mulher, antes absorta num vago tricotar, lembra-se quando o mascote chegou ao lar, comprado num "pet shop", com o status de "melhor companheiro" do caçula, verdadeiro membro da família, presente de aniversário dos 6 anos.

"Totó, você vai ser meu maior amigo de hoje em diante."- dizia o garoto, confiante nessa ingênua promessa de infância.

Se os amigos servem para nos estimular em nossos bons projetos e também para nos alertar quando agimos injustamente, então sim, ele era seu melhor amigo, ainda. Afinal, alguns animais domésticos são capazes, normalmente, de detectar a presença de espíritos e pressentir situações perigosas.

Enquanto folheava o livro de histórias fantásticas, que lia para resgatá-lo do ócio em que a vida prosaica de aposentado o mergulhara, o pai se perdia nesse espaço misterioso da imaginação que amalgamava as situações do conto, suas fantasias e devaneios, seu estado de consciência alterado e - quem sabe ? - reminiscências de vidas passadas.

-Li em algum lugar que os animais têm alma e reencarnam.

A esposa, que fora muito bonita e atraente, além de sociável e perspicaz, rebateu-lhe o comentário, afirmando:

-Segundo a teoria da evolução,os cães descendem dos lobos. Estes prosseguiram como animais selvagens, aqueles, resultado de mutações, puderam ser domesticados pois formaram uma linhagem que conseguia se aproximar e conviver com os hominídeos.

-Interessante. O lobo morria e sua alma encarnava dentro de um cachorro – tentando aplicar as 2 ideias numa possível síntese.

-Seu filho também poderia dormir lobo e acordar cãozinho-completou a senhora, lamentando o inesperado destino do adolescente.

Esse comentário da esposa, tão fora de propósito, parecia incriminá-lo pelo fim a que chegou tão desditosa criatura. "Meu filho ? Sua desgraçada, foi você que não soube educá-lo" - tentando se exonerar de suas responsabilidades.

-Tão falando mal de mim, seus coroas desocupados ? -retrucava grosseiramente o filho, enquanto escarafunchava as panelas sobre o fogão,em busca de lenitivo para sua fome exacerbada pelo uso da droga, depois de ter esgotado o copo de aguardente que o genitor deixara sobre a mesa da cozinha.

-Não se preocupe. Ele se transforma em lobisomem nas noites de lua cheia mas depois volta ao normal – respondeu-lhe rindo com sarcasmo. Na verdade, desejava que a mordida canina redundasse numa infecção letal, como a raiva, talvez. Afinal há anos deixaram de vacinar o animal contra essa doença.

"Preferia um menino-lobo, tipo Mogli"-imaginou a mãe, saudosa dos contos lidos ao pé da cama do garoto antes de fazê-lo adormecer.

O cão, rebaixado à reles condição de animal de estimação, ouvia indignado as imprecações do antigo amigo de brincadeiras e sentia entre os cônjuges a aproximação das sombrias influências espirituais - o "espírito da perversidade".

O velho, aborrecido por uma ideia que se lhe fixava no cérebro e contrariado com o comportamento hostil dos familiares – indício de sua ingratidão - tendo os sentidos relaxados pelo processo digestivo e induzido ao sono pela leitura de tão grotesca história – como se os obsessores do personagem estivessem atuando sobre o próprio leitor - afundou o corpo na poltrona e pôs-se a cochilar.

Num instante foi dominado por estranhos acontecimentos:

Sob uma lua brilhante,em volta da fogueira numa ampla caverna, desesperado, entre gritos e urros, ele e seus pares arremessavam paus e pedras contra aqueles animais famintos, tentando espantá-los para proteger os membros de sua tribo. Logo em seguida, jogava uns ossos, já descarnados, como recompensa aos companheiros de caça que haviam propiciado alimentação à família. E esta atitude, tão comezinha nos dias atuais, pareceu-lhe um verdadeiro ato de bravura e heroísmo naquela época ancestral.

Ainda sob o impacto de seu primeiro sonho, numa antiga casa, num outro país, testemunhou o autor da história arrancar com o canivete o olho de Plutão e, em seguida enforcá-lo numa árvore do quintal, fato que o incentivou vivamente a retornar o quanto antes à leitura daquela coletânea para conhecer-lhe o desfecho.

Por fim, na alcova de um lupanar, de uma cidade interiorana, angustiou-se ao ver um homem esbofetear sua amante, xingando-a de "cadela", depois que ela confessou esperar dele um filho – justo ele, um homem infértil.

Foi somente com seu último e suplicante grito de "socorro" que ele finalmente despertou, e um tanto grogue e confuso, ficou a conjecturar sobre as possíveis causas daquela tragédia.

Só então, ao se deparar no chão, com a esposa estrangulada por meio da guia do cãozinho e o filho, quase lúcido, a seu lado perguntando entre lágrimas: "porque ?" é que percebeu uns olhos esbugalhados, ferozes, ensandecidos, como os de um monstro,a fitá-los, ameaçadoramente, num canto da sala.



Cheiros de Histórias

Charles Burck
Rio De Janeiro/RJ

As asas mexiam com a sorte, os ventos bulidos alteravam a composição de todas as coisas,
O efeito do domingo senti nos cheiros das hortas,
Dizem que os cheiros não se apagam nunca na memória,
Meu tio biólogo dizia que as joaninhas têm cheiro de preto e vermelho,
Amar, às vezes cheira a saudades,
Não teve prosa hoje, calei quando senti o cheiro do perfume dela,
A pele cheira como orvalho no agreste, cheiro de coisas natureza, a calliandra, a sena, o jatobá, café com canela e um pouco de mel
O cheiro da vontade de beijos longos, o desvelo da viola a criar luar,
Perto do rio da tua boca o cheiro da palavra macia a correr sem pressa,
A povoar desertos e a alumiar poesia no sertão, os teus olhos que curam quebranto tem cheiro de jasmim de Santo Antonio
Sinto o cheiro da manga rosa, cortada em pedaços a dividirmos cada naco, a flor de anis macerada nas mãos,
Hoje tem previsão de chuvas, mudanças de estações, novos cheiros no ar, um pressentimento de voltas,
Mas esse cheiro é uma outra história.

https://www.facebook.com/profile.php?id=100009691775123

Ciclotimia

Maurício Limeira

Rio De Janeiro/RJ

A chuva era uma promessa.
"Vai sair?", ela quis saber.
"Vou."
"Vai chover..."
O interesse cabia dentro de um papel de bala.

*

"Quer fazer amor?"

Pareceu um filme rodando ao contrário. Ele, que se vestia para sair, parou e foi tirando a roupa recém colocada.

"Quero."

*

Ela chorou todo o tempo. Gozou chorando.

Ele nunca imaginou que fazer silêncio pudesse doer tanto.

A porta da rua, essa foi ficando cada vez mais longe.

*

"Quer comer alguma coisa?"

Jantaram juntos às quatro da madrugada. Naquela hora, ele ficou imaginando que horas seriam na Ucrânia. E se naquele instante haveria alguém feliz por lá.

Era tudo insuportável. Era ele mais insuportável do que tudo.

"Não liga a televisão agora", ela pediu. "Agora não. Por favor."

Ele pôs de volta o controle remoto no lugar.

"Eu não quero brigar com você."

Ele também não queria.

"Mas você não diz o que está acontecendo."

Ele também não sabia o que estava acontecendo.

"Eu não posso te ajudar?"

Em algum lugar na Ucrânia, ele tinha certeza de que alguém estava sendo

feliz naquele exato instante. Invejou cada poro do ucraniano que estava sendo feliz no lugar dele.

Quando a luz se apagou, a sala ficou completamente escura. Mas eles continuam lá. Dá pra ouvir quando respiram.

*

A promessa se cumpre.

"Está chovendo."

"Você tirou a roupa da corda?"

"Sim."

Que bom seria se todos os nossos diálogos contassem com um Nelson Rodrigues supervisionando.

Que bom seria se ao olharmos no espelho não víssemos apenas nós mesmos.

"Vem cá. Deita aqui do meu lado."

Ele deita. Se aconchegam um no outro.

"Pensando em quê?", é sempre ela quem fala.

"Na Ucrânia."

"Ucrânia? Por que Ucrânia?"

"Por nada. Por tudo. Que horas são na Ucrânia agora?"

"Umas três da tarde."

"Quantas pessoas vivem lá?"

"Umas cinquenta milhões."

"Qual é a capital deles?"

"Kiev."

"E o PIB?"

"Não faço a menor idéia. Mas prometo que quando você morrer eu mando te enterrarem lá."

No escuro, aninhado na pele quente dela, ele sorri.

*

Nesse mesmo instante, no centro de Kiev, na Ucrânia, o sujeito parou no meio da rua e olhou ao redor. Depois continuou andando. Mas agora não via graça em mais nada na vida.

http://oadversario.blogspot.com.br



Com Passos de Espera

Hilário Aires
Batatais/SP

parto mais tarde
ainda te espero
acendo um cigarro
penso num verso
ouço os pássaros
guardo meus livros
limpo meus óculos
remexo os retratos
faço minhas contas
consulto o oráculo
a respeito do tempo
confirmo no google
qual é o trajeto
curto no face
as postagens recentes

revejo o espelho
ajeito os cabelos
examino a carteira
reconto o dinheiro
um tantinho de fome
belisco um salgado
o relógio me avisa
do último horário
refaço meus cálculos
e adio a viagem
meu anjo já sabe
que não me dou por vencido
mesmo que o jogo
tenha acabado

https://poesiatalcoisa.blogspot.com.br/

Contato

André Greboge

TER
TATO
CONTER
SEM CONTRATO

TELHADO SEM TELHA
CONTER SEM CONTATO
COM OU SEM ANA
TÁ TUDO GRUDADO

POUCO TEMPO
SEM QUERER
MUITO CONTATO
SEM SE CONTER

andregreboge@gmail.com



Crisálida

Boogeyman

Volta Redonda/RJ

SOU CINZAS, ERA CIGARRO.
FUI DO DOCE AO AMARGO,
DO VINHO AO WHISKY:
DE BUKOWSKI À LEMINSKI.

UMA MANIA DE MUDANÇAS,
FEITO PSICOSE.
TALVEZ COMO KAFKA, SEJA EU,
METAMORFOSE.

https://www.facebook.com/equipecosmo/



Despedida

Fernanda Soares Junqueira
Ribeirão Preto/SP

Temos que saber a hora de ir embora
Vou como quem veio de passagem
Carrego nas costas
um punhado de sonhos
e a claridade dos poemas
(essa luz é minha e ninguém pode apagá-la)
Na boca obstinada
a canção que não se quis ouvir
No olhar saturado de esperas
a primavera que não pôde florir,
o tempo de um amor já gasto
feito dos silêncios das noites não vividas
desaventuradas.
Vou-me embora (negada)
Deixo na sua secura lírica
o amor derramado feito leite
e nem vou chorar por isso.
Nem tudo vale a pena
independente da grandeza da alma.



Ecos do Silêncio

Gilmar Duarte Rocha

Brasília/DF

Estavam atrasados para a missa de Natal e os sinos da igreja da matriz já começavam a repicar indicando o início do sermão usual do velho padre Bellini. Belisa trotava a passos largos pelas ruas de calçamento irregular, com uma das mãos ajeitando o véu negro que insistia em escapar-lhe da face; com a outra mão, quase esmagando os dedos frágeis do garoto Firmino, de apenas oito anos de idade:

"Deus vai te dar a palavra ano que vem, filho. Ele me prometeu em sonho", divagava a mulher, embaçando os devaneios com o desejo premente de que a sua cria, o jovem Firmino, curasse mesmo que miraculosamente da mazela que sofria nos tímpanos desde a nascença; afecção essa que o obstava de ouvir e falar, mas que não o impedia de possuir um olhar de ave de rapina em voo de cruzeiro e um cérebro que processava neurônios em profusão.

A cidade estava toda iluminada naquele instante, e o velho gerador de energia do município não tinha a mesma robustez de outrora, daí que se irrompeu um blecaute repentino – devido à sobrecarga de demanda de energia – e um breu sem fim abateu-se sobre a praça da matriz, logradouro onde a mãe e o filho acabavam de pisar os pés.

Então deu-se início a um breve tumulto, pois ninguém enxergava ninguém. Todos os sobrados da praça estavam com as luzes apagadas, exceto um, mais precisamente o prédio de três pavimentos onde se estabelecia o único hotel da cidade, e mais precisamente a única luz que emanava do hotel provinha do quarto no último andar, e mais precisamente nesse quarto morava uma hóspede de vida fácil, e mais precisamente essa mulher botava a boca no mundo gritando

que estava sendo atacada e mais precisamente o menino Firmino não tirava os luzidios olhos daquela cena, e mais precisamente ele no silêncio enxergou cenas que seguramente ninguém ali havia enxergado.

De repente a luz daquele único ambiente iluminado se apagou. Tudo ficou na penumbra. Até o grito de desespero da mulher cessou.

Aconteceu que, se há uma coisa que acabe com qualquer evento numa cidade pequena, seja lá o que for, essa coisa é um assassinato, pois foi isso que ocorreu durante o espaço de tempo de em que o arrabalde ficou em trevas. Uma mulher chamada Coriolana havia sido morta a facadas no quarto de hotel a que nos referimos e o tumulto tornou-se generalizado porque um sujeito malvisto no lugar, de nome Agripino, foi apanhado literalmente com as calças nas mãos na portaria do estabelecimento hoteleiro tão logo a força elétrica trouxera a claridade de volta à cidade. Portanto, não houve mais missa do galo, não houveram cânticos, e nem aconteceu o indefectível sermão do padre Bellini.

"Foi ele! Foi esse descarado", retumbava uma turba de homens de todos os estratos da sociedade local, histéricos e inflamados. "Enforquem ele", esgoelavam os mais exaltados. "Corta o pinto desse miserável", esculhambavam os avacalhados.

Terminou que o indivíduo – a muito custo – foi dominado e arredado das feras pelos dois únicos soldados do corpo policial e conduzido ao armazém de estivas O colossal, de propriedade do prefeito, empresário, juiz, delegado, fazendeiro, agiota, prestamista e vigarista, Benedito Siracusa. Aconteceria ali uma espécie de julgamento sumário, contrariando todas as regras do lugar, se é que prevalecia alguma lei naquele fim de mundo.

Dentro do amplo e iluminado armazém, que cabia metade da cidade, um homem gordo, balofo, de terno de linho branco, chapéu panamá, com o inseparável charuto de erva estragada preso entre os dedos da mão esquerda e uma grossa bengala metálica revestida a ouro girando em rodopio na outra mão,

berrava a todo pulmão: "Esse tarado passou dos limites. Alguém aqui duvida que esse cafifa estripou a pobre Coriolana?" A cada palavra do político o povaréu ficava mais excitado. O alcaide voltou a proferir o mesmo questionamento, desta feita compelindo a ponta da sua valiosa bengala contra a cabeça do rapaz que se encontrava ajoelhado. Com aquele ato humilhante decerto ele requestava o aval da população para dar cabo ali mesmo do miserável acusado.

"Isso mesmo, prefeito. Arranca o pescoço desse perdido", tomou à frente Jesuíno, o tabelião da cidade, mais bêbado do que gambá. "Isso mesmo. Isso mesmo", os demais começaram a fazer coro e dar fiança ao veredito do prócer do município.

"Alto lá", uma voz destoou no meio da plebe: era Gerônimo Aniceto, o jovem médico recém-chegado à cidade e portador de alguma decência. "O rapaz merece ser julgado, pois pelo que eu saiba ninguém aqui presenciou o assassinato". Após essa intervenção, houve um princípio de burburinho. Os mais exaltados não queriam saber da opinião do médico; os mais ponderados principiaram a questionar uns aos outros; os bêbados mudavam de opinião ao sabor do vento.

"Está bem, doutor...", o prefeito fingiu esquecer o nome do jovem galeno. "Gerônimo, senhor...", o rapaz devolveu a moeda com a mesma coroa. "Você tem dez minutos para provar que o cretino aqui é inocente", decretou o mandatário da cidade em tom de bravata.

Gerônimo, irritadíssimo com o descalabro do prefeito, não sabia o que fazer. Tirou o chapéu bem cuidado da cabeça e enxugou o suor da testa com o lenço do bolso do terno. Apesar do sino da paróquia já ter acusado as dozes badaladas, o bafo quente da noite abrasava o fervor dos acontecimentos e fervia, por corolário, o ânimo de todos os habitantes ali plantados e ávidos por uma decisão. Ou por um pescoço rolando e caindo no cesto abaixo do patíbulo da guilhotina.

Quando tudo conspirava contra o proclamado réu Agripino, eis que um menino desgarrava da mão da mãe e partia em disparada em direção ao presumível cadafalso, onde se encontrava o adiposo prefeito; o esmorecido médico e o malandro sentenciado.

Era Firmino, que falava como uma girafa mas enxergava como um lince, e naquele momento postava-se exatamente em frente a Siracusa, apontando o dedo para a preciosa bengala do executivo municipal e meneando os pequenos artelhos da mão esquerda de forma alternada e sucessiva.

"Raios", exclamou o prefeito fanfarrão. "A mãe desse fedelho pode tirá-lo daqui imediatamente". Belisa não titubeou e acorreu para resgatar a sua cria. Quando ela puxava o inquieto garoto pelo braço, eis que o médico Gerônimo se ingeriu e perguntou a uma atônita Belisa: "O que o garoto queria dizer com os sinais, senhora?". Ela ficou surpresa com a indagação, sinalizou que não iria se pronunciar e, para espanto geral, voltou atrás e respondeu ao médico de chofre: "Ele dizia que foi a bengala do senhor prefeito que atingiu a moça morta por trás".

Exclamação geral da audiência. Alguns levaram as mãos à boca; outros arregalaram os olhos; doidivanas desdenhavam. O médico não. Resoluto tomou o garoto de rompante das mãos da mãe e pediu que ele fosse mais explícito (nesse ponto, o médico se esforçava para isso, pois não entendia a linguagem de sinais). O menino, vivaz e inteligente, voltou a menear os dedos agora de ambas as mãos. "Traduza em nome da lei, minha senhora", exigia Gerônimo, cada vez mais convicto de havia ali algo a desvendar. "Ele disse que há uma lança na ponta da bengala do prefeito", traduziu a atormentada genitora.

"Ah, ah, ah, ah", o vão Siracusa depreciava o insólito testemunho da criança em tom de escárnio, emendando "Esses meninos hoje em dia andam lendo muito gibi; que imaginação fertilizada". Depois, alterou o semblante e esbravejou com Belisa: "A senhora e esse mudo dos infernos me respeitem,





senão mando vocês dois para a cadeia”. A intimidação não atingiu o jovem médico, que imediatamente fez uma inesperada intimação: “Eu poderia dar uma olhada nessa bengala, senhor prefeito?”. O homem poderoso pela primeira vez na história mostrou a face do espanto e do temor. “Ora, que infâmia. Você não pode dar ordens a uma autoridade revestida de imunidade. Ainda mais que eu sou o delegado e o juiz dessa zorra de cidade”. <<E daí?>>, foi o que pensou o médico naquele instante, bem como alguns na plateia que cultivavam a qualidade da cordura e da honradez. Gerônimo esticou o braço em direção ao prefeito, mexendo os dedos em sinal de petição. Pausa e silêncio geral. O médico com o braço esticado e os dedos se movendo; o prefeito – que começava a suar aos borbotões – imóvel, estático, hirto, encurralado. De repente, Agripino, o sentenciado, saiu do estado de letargia em que se encontrava desde o início de todos aqueles acontecimentos e se pronunciou:

“Quando entrava no hotel a pedido do prefeito para levar dois tostões para a pobre Coriolana a luz se apagou e não vi mais nada. Um sujeito gordo e forte me pegou no escuro e tirou as minhas calças. Voltei logo para a rua sem saber o que fazer”. Exclamação geral mais uma vez. Vá lá que o desajuizado Agripino não merecesse crédito algum, no entanto o que ele depunha comprometia e muito nosso poderoso personagem, vez que o malandro sabidamente fazia às vezes de moleque de recado e faz-tudo do prefeito.

O médico Gerônimo não titubeou e, como um felino, teve a audácia de arrebatar a bendita bengala das mãos avaras do alcaide. “O que está fazendo, moleque? Devolva a minha bengala”, esbravejou Siracusa. Gerônimo, serenamente, deu alguns passos para trás e começou a analisar o majestoso cajado com carinho. Um raio misterioso invadiu a sua mente e ele teve a brilhante ideia de puxar o cabo da bengala com bastante força. O cabo, então, se desprendeu e revelou que a pretensa bengala era nada mais, nada menos do que um afiado florete revestido por uma caprichada bainha longa e cilíndrica. Aí o médico deslizou o dedo indicador por sobre a lâmina e uma porção vermelha de

sangue acumulou na sua mão. Um minuto de silêncio sepulcral dominou o ambiente do amplo armazém. Apenas um minuto – gritos de punição, clamores de justiça, eclodiram logo em seguida. O prefeito tentou fugir do recinto, mas foi alcançado por justiceiros de toda a parte. Enquanto isso, num espaço mais calmo do salão, um radiante Gerônimo agradecia a Belisa pelos préstimos do talentoso e diligente Firmino. Belisa aproveitou o primeiro contato que mantinha com um profissional de medicina de verdade e lhe relatou os problemas auditivos que o pequeno suportava desde o nascimento.

***

Um ano se passou; um investigador de outra jurisdição descobriu que a bengala mortal de Benedito Siracusa havia liquidado nada menos do que sete prostitutas da região; o médico Gerônimo Aniceto recebera um convite do estrangeiro para fazer um curso de especialização; e o menino Firmino ganhou uma vaga numa escola para alunos especiais na vizinha cidade de Rivera. Certo dia de sol a pino, enquanto quarava a roupa no varal, Belisa recebeu a visita de um carteiro em sua humilde residência. Era um telegrama a cabo, procedente de terras além-mar:

QUERIDA SENHORA BELISA PT LEVEI OS EXAMES DA SURDEZ NEUROSSENSORIAL DO SEU FILHO PARA ESPECIALISTAS DAQUI PT O CASO DELE TEM CURA PT FIZ CAMPANHA COM MEDICOS AMIGOS E CONSEGUIMOS DINHEIRO PARA TRATAMENTO DELE PT EXISTE ORDEM DE PAGAMENTO BANCO DA CIDADE PARA COMPRAR A PASSAGEM DE VOCES PT SAUDACOES

Novos tempos chegaram para mãe e filhos sofridos. Ecos de justiça doravante não repercutiriam mais do silêncio.



Em Busca da Identidade Perdida

Isabel C S Vargas

Pelotas/RS

Um tema que considero interessante e já foi mote de várias crônicas é sobre a mulher.

Já discorri sobre a evolução do papel da mulher na sociedade, as lutas e as conquistas no decorrer do tempo, seu papel fundamental para a família e sociedade.

Em um de meus textos abordei as mutilações que as mulheres sofrem para que não tenham prazer, desde a mais tenra idade. Pensei já ter sabido de todas as atrocidades existentes. Não aceito que abordem como algo cultural. Não é mais concebível mutilação e tortura como algo cultural.

Acreditava ter esgotado este tema, pelo menos por ora, para não saturar os leitores, visto que costumo publicar em jornais e o leitor quer assuntos diversos, pois o dia a dia e a sociedade são fontes inesgotáveis para este tipo de escrita.

Passando os olhos pelas redes sociais, encontrei um filme denunciando a situação da mulher, na atualidade, no Afeganistão. Pois bem o tal filme relata um processo de invisibilidade, de morte em vida, e desvalorização como ser humano pelas mulheres. Aviltante! Como mulher, mãe e avó de mulheres não posso deixar de discorrer sobre isso.

Pense comigo, quem está livre de casar com um homem daquele país e lá cair, envolvida por um grande sentimento. Afinal, há tanta jovem vivendo no exterior, estudando em universidades, trabalhando e podendo encontrar jovens oriundos de lá.

Além de usar burca, não usar roupas muito coloridas e não poderem usar calças compridas debaixo da burca, não usar cosméticos, não mostrar os tornozelos, não usar esmalte nas unhas, não poderem ser atendidas por médicos homens, não poder apertar a mão de um homem que não seja da família, não poderem

ser fotografadas em casa, motivo pelo qual os vidros não permitem visão dentro de casa, raramente, frequentarem universidades e escolas, de entrarem pelo fundo nos ônibus, uma vez casadas elas devem esquecer o próprio nome. Ficam sem identidade. Em algumas regiões do Afeganistão o homem tem vergonha de pronunciar o nome dela e a ela se refere como a mãe de seus filhos, ou, pasmem, a "minha cabra". Nem em caso de morte seus nomes podem ser colocados em lápides. O receituário médico não pode conter seu nome.
Há muitas que não possuem documentos.
Atualmente há um movimento de mulheres reivindicando a sua identidade real e pedindo apoio à sua causa inclusive em redes sociais. O nome do movimento é #Onde está meu nome. O vídeo que assisti é da Play Ground BR no Facebook.
A mudança está nas mãos dos homens. Há homens que apóiam.
Até quando isso persistirá?

Link vídeo:

https://www.facebook.com/PlayGroundBR/videos/423799304681720/



http://isabelcsv3.blogspot.com.br/Seguindo em frente

Espera

Delson (Bebé)
Salvador/BA

Numa longa noite fria,
Fiz prece fervorosa,
Porque amada não esquecia,
Corpo agitado, mão nervosa.

Lá fora, chuva fininha
Descia em parede devagar,
Escorrendo água em gotinhas,
Ela demorava a chegar.

Corpo na cama incomodou,
Levantei-me, encostei rosto na janela,
Minha respiração vidraça embaçou,
Tristeza, muita saudade dela.

Luz pálida, quarto ilumina,
Peguei um cigarro e acendi,
Contorceu no ar fumaça fina,
Chorei com pena de mim.

Bebi uma dose de aguardente,
Precisava tristeza espantar,
A agonia que sentia a mente,
E a dor do peito amenizar.

Implorei ao Criador ela aparecer,
Trazendo amor, comigo ficar,
Antes de o dia amanhecer,
Para nos meus braços se aconchegar.

Deus atendeu meu anseio,
Ele escutou a reza que fiz,
Ela bateu na porta, ela veio,
Celebramos o amor, fiquei feliz.







Eu Vou Partir

Admilson O Poeta Magnata
Luanda - Angola

Eu Vou Partir
A procura do meu bem
Decidir deixa a mala da solidão
Eu vou partir para bem longe
Quero esquecer tudo
O amor não correspondido
As cartas de amor sem resposta
Vou partir
Perfiro ir para bem longe
Não quero mas viver nesta época
Cheia de lágrimas
Eu vou partir
Quem sabe um dia
Encontre alguém para amar
Alguém que possa limpar minhas lágrimas
Alguém que acorde as meia noite só
para mim dizer eu te amo
Por isso e que vou para bem longe

Vou partir

Já não quero ser ignorado
Acho que ninguém quer saber de mim
Vou partir a procura de um novo amor
Quero dançar com alegria no rosto
Quero encontra alguém que preencha
o vazio do meu coração
Porque a dor deixou-me sozinho
Deixou lacunas em meu ser
Deixou página em branco
Vou partir não quero ficar
Aquí neste bairro cheio de saudade

Vou Ir para o infinito desconhecimento
Apagar o meu trilho da mente
De quem tem o sentir dormente
Para não viver o inferno do amor

Vou partir numa nuvem de solidão
Livrar-me desta livre prisão
Ir comigo e sem nada levar
De lágrimas e dores me zerar
Onde a vida possa me elevar
Ao paraíso do novo cogitar....

Eu Fui Rosa

Viviane Martins Parreira

Uberlândia/MG

Eu era assim,
Um fio de mim ,
De lã com jasmim,
Rosa de jardim,
Coitada de mim!

Eu era aquela,
Toda branquela,
Cor de aquarela,
Porta e janela,
Coitada de mim!

Eu fui acabando,
A cor desmaiando,
O vestido rasgando,
A casa fechando,
Coitada de mim!

E eu fui esquecida,
A morta morrida,
Flor apodrecida,
Chegou a partida,
Era o meu fim!

Êxodo

(Aldenor Pimentel)

No êxodo narrado na Bíblia,
o povo hebreu feito escravo no Egito
caminha pra libertação na Terra Prometida

E por muito tempo assim será:
quem parte busca uma vida melhor
Migrantes
Refugiados
Nômades
Retirantes

Êxodo

Expiação

Carlos Jorge Azevedo
Santa Marinha do Zêzere-Baião-Portugal

Rolou uma lágrima em teu rosto
A ela se juntaram outras
O sulco que cavaram
Em teu oval perfeito
Veio enobrecer esse olhar
De um morno deleitoso
Ficaste impávida e indiferente
Como se esperasses mais tormentos
Tudo serenou por momentos
Esperei pela explosão
Pela sacudidela inicial
Deparei com inesperada acalmia
Por tréguas nessa ansiedade
Vislumbrei o esboço de um sorriso
A iluminar todo o quadro
Percecionei que a exteriorização se daria
Que não tardaria a chegar

Vi que um leve estremecimento
Te percorreu de alto a baixo
Foi na face que vi o caos
A onda a aproximar-se
E que brava vinha, meus deus,
Transformaste-te por completo
Viraste leoa em plenitude
Correndo na selva tropical
Falaste bem alto e apressadamente
A princípio mal compreendíamos
A razão de tão inesperada reviravolta
Teus olhos lançavam fogo
O rosto ganhava esgares
Os músculos faciais sobressaiam
Contavas a tua história, o teu segredo,
Atiravas cá para fora as raivas
Eras mulher em expiação completa…







Farta Comédia

Luís Amorim
Oeiras/Portugal

Jantar faustoso e alegre
Onde quem se integre
Com ou sem convite
Rapidamente se admite
Na comezana faladora
E saborosa a cada hora
Em que novo prato aparece
Para quem sempre tece
Seus comentários improvisados
Igualmente bem regados
Com vinho de excelência
Em colheita de referência.
«Mas que óptimo quadro
A régua e esquadro
Eu consigo tirar daqui
Do apetite por javali
E restante que venha
Para encher formosa banha!»
«E realmente são tantas
Que comerão até às tantas
Até caírem para o lado
Como corpo inanimado.»
«Mas de onde veio
Gente com incrível asseio
E em quantidade esta
Participar de tal festa?»
«Sei tanto como você.
Olhe, deixe-as à mercê
Da sua sorte
Em elegante porte
De alta sociedade
Com tamanha futilidade
Na sua conduta
Sempre à escuta
Onde o tal evento estará
Para passarem por lá
E entrarem de gala
Dando a melhor fala
Para despercebidas
Não serem referidas.
Elas apenas desviam

Atenções que não adiam
Para outra altura
Pois é esta a fartura
Também com aparte
Quando dizem «Vou levar-te»
À comida suculenta
Com subtracção atenta
A reprovadores olhares
E aplaudidos esgares.»
Havia quem tudo conferia
À medida que muito se ria
Pela comédia farta
Onde sempre existia carta
Para se pedir ainda mais
Das refeições essenciais
No jogo das celebridades
Espalhando suas vaidades
Na oferta de flores
Mas recolhendo sabores
No comer de fausto
Até ficar exausto
Cada ser da elite
«Que tanto grite
Até se fazer ouvir»
Reparei nele a referir
Antes do quadro começado
Já por mim mirado
No título atribuído
Pelo meio do ruído
Onde decorria neste dia
Tão “Farta comédia”.

https://www.facebook.com/luisamorimeditions



Fascínio

Maria Carolina Fernandes Oliveira
Pouso Alegre/MG

Não me atenho à hipocrisia de criticar a rotina, sou eu que a componho e é dela que me faço e me construo. Contudo, não nego, sua composição às vezes me cansa. Estudos demais, trabalhos demais, pessoas demais e abraços de menos. E quando esse desequilíbrio vem à tona, normalmente em manhãs cinzentas de sol desbotado e de pouco brilho por entre a cortina, entrego-me à poesia. Poesia que acolhe, que aconselha e que afaga. Poesia e ombro de Drummond como meu refúgio. Versos que estendem as mãos. Mas não me julgue por não buscar o colo daqueles que ainda vivem. É mais fácil desabafar em folhas de papel. E o sebo é logo ali.

Saí de casa pela manhã e o sol não me esquentou. Cheguei ao sebo ainda com frio e corri para a estante dos versos. Dentre vários, "Claro Enigma" me escolheu. O livro estava conservado, mas não escondia a impiedade do tempo. Uma obra nascida na década de 50 já presenciou lágrimas, sorrisos, viagens e estantes. Ganhou, pois, o amarelado dos dias e o amassado das mãos. Não perdeu, entretanto, seu fascínio. Corri para casa querendo saboreá-lo o quanto antes, e ao abri-lo, me vi de posse de uma das maiores maravilhas de se comprar uma obra antiga - uma tenra dedicatória na primeira folha.

"Ei, Sofia... Há quanto tempo não a vejo. Éramos tão jovens, mas ainda consigo ouvir sua gargalhada. Estás tão longe de mim que ao pensar em ti preciso criar uma imagem. Creio que não cortou os longos cabelos, que brilham ainda mais teus olhos de jabuticaba, e mais rubros estão teus rubros lábios. Não escrevo, todavia, em vã intenção. Envio a ti esse livro, pois há nele amor e vida e amor e sensatez, quase a própria composição de Sofia. Se certo eu estiver, irás gostar. E finalizo contando que boas novas virão. E que hei de cumprir minha promessa. Por ora, me vou. Fique com Drummond, e se atenha aos versos do poema 'Amar'. De todo o meu coração, Augusto."

Folheei desesperada até encontrar os versos do poema que foram dedicados por ele a Sofia. Já o havia lido antes, contudo, queria compreendê-lo sob os olhos de Augusto. No poema, o eu lírico era claro – o indivíduo é feito para amar. Amar as pessoas, amar os detalhes, amar a vida. Entendi, pois, um pequeno pedaço do grande motivo que fazia Augusto amar aquela mulher, que outrora estivera ao

seu lado como menina. A paixão pela vida inspira paixões. E a paixão de Augusto me inspirou um questionamento insólito.
Perguntei-me o que Sofia teria achado desse presente e em seguida me desesperei ao pensar que ela pudesse jamais tê-lo recebido. Recompus-me da última ideia, mas logo me vi sugestionando qual teria sido a promessa de Augusto e porque eles não se viam há tanto tempo. De onde eram, de onde se conheceram e como se reencontraram - se é que houve o reencontro. Não havia data, nem local ao fim da dedicatória. Fui ao sebo pela manhã em busca de amparo, e deparei-me, contudo, em um mistério que não resolverei. Posso questionar-me infinitas dúvidas, e posso saná-las com minha opinião. Todavia, jamais terei as verdadeiras respostas.
Olhei pela janela e as nuvens ainda perambulavam; porém, um lampejo de sol conseguiu me alcançar. Viajei na beleza dos livros e dos amores e vi quantas semelhanças era possível traçar. Mil pessoas podem ler uma obra e conhecer um amor, entretanto, nenhuma delas compreenderá por completo a história e a intenção daqueles que redigiram e daqueles que amaram. As folhas podem se despregar do livro e serem levadas com o vento, mas os ensinamentos permanecerão na alma de quem os leu. E do mesmo modo, dois amantes verdadeiros que se perdem no tempo ainda guardam consigo a certeza do maior dos sentimentos. Os livros e os amores são exclusivos àqueles que se dispõem a arriscar, contudo, deixam aos corajosos, grandes dádivas. Busquei pela manhã simples versos, mas cheguei a tamanha reflexão que me vejo agora em completo fascínio. Voltarei ao sebo amanhã logo cedo, e, a partir de hoje, me entrego ao amor.



Fusão de Arrebatadas Ondas

Morphine Epiphany
São Paulo/SP

De uma frágil corrente,
inundei-me no peito,
crepúsculo indefinido
em uma benção de teus olhos.

Sob os retalhos de luzes cegando-me,
um reencontro
tão submerso feito os dias clareando delírios no sorriso.

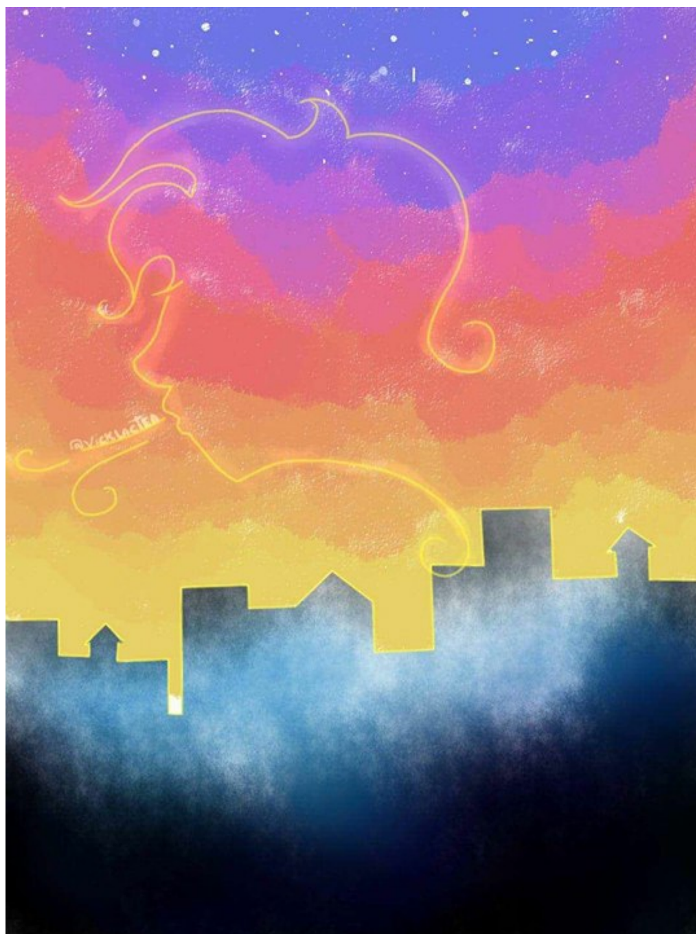
Foi o tubarão travesso num lânguido oceano paralisado
desse colorido alucinando minhas têmporas.
Foi a areia entristecida num adorável temporal apaixonado
desse céu esfomeado, arranhando nossa carne.

Baía de amor em metais eternizados,
viva é a sede ainda densa e ansiosa pelo teu eu,
assim nas largas espumas, flutuei no umbigo
e úmidas asas morrendo, me abrandando.

Foi o extasiado anjo abraçando-me,
aquecendo a melancolia de nossos corpos.
Foi a nuvem de corações se unindo,
nos convertendo, pulsos, beijos;
entrelaçamento, fusão nas ondas.

https://www.facebook.com/cristiane.v.defarias

Garoto



Vinícius Cunha Pereira
São Paulo/SP

O garoto que só lia
novamente escrevia.
Criava cidades e mundos
em pequenos segundos.

Em sopros de letras,
palavras foram criadas,
versos construídos
e estrofes formadas.

Com sua imensurável afeição,
curou almas, virou um anjo,
subiu aos céus, chegou no paraíso
e lá se perdeu em pura sensação.



Haikai

Sandra Modesto - Ituiutaba/MG

Então você me ama

Então a cama é nossa

Então estou disposta.

Sandra Modesto

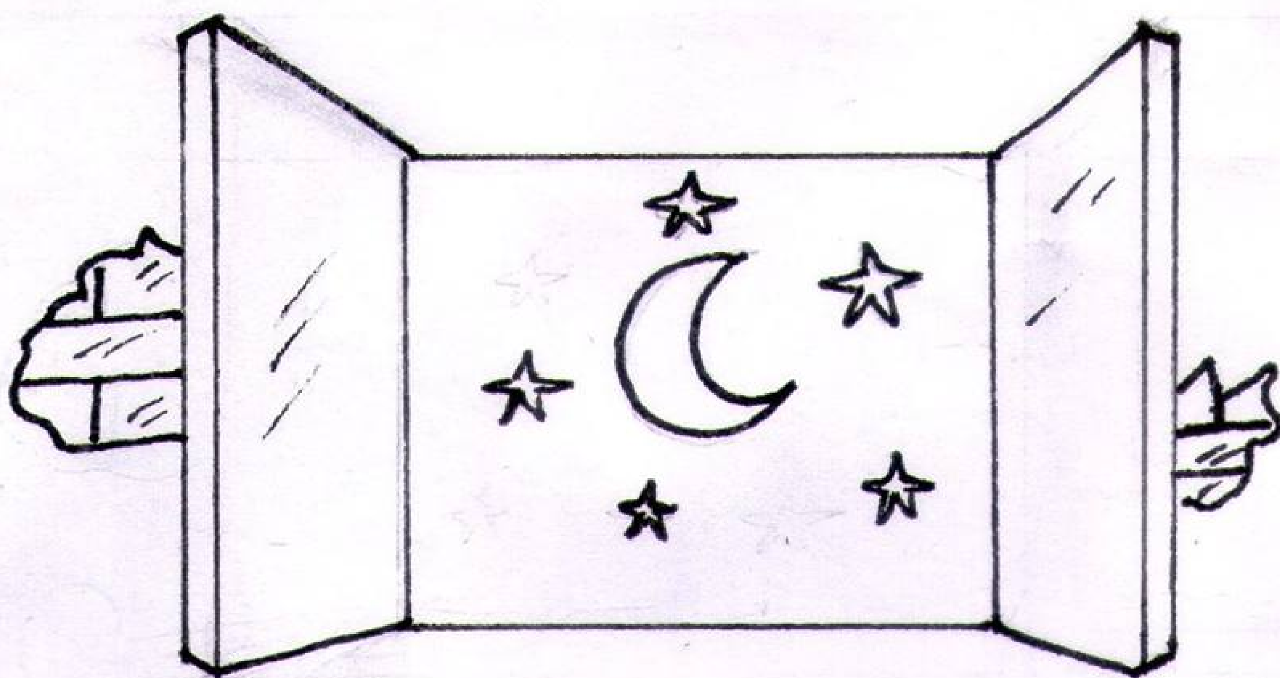




HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Tentando achar uma rima
abri a janela
e mudei o clima



J. DA HORA

Haikai Engraçadinho

HAIKAI ENGRAÇADINHO

Jorginho da Hora

Gostosamente
chupa-se a laranja
cospe-se a semente

Identificação

Francisco Ferreira
Conceição do Mato Dentro/MG

Sem teto ou terra
na esperança em reflorir
alma e semeadura nova.

Carpindo sonhos e lavouras alheias
terral e seara divinos, divididos.
Revirar o joio que me enraízam.

Prisioneiro dum lapso de tempo
o agora, eterno e único,
presente travestido em futuro
sem porvires ou devires.

Pegadas na areia,
rastro de poeira de fantasia cósmica
impalpável, fluidificado.

Não sou, somente ocupo
espaço e tempo num equívoco.
Sou nada...

https://impalpavelpoeiradaspalavras.blogspot.com.br/



Imaginários

A. P. de Melo

África do Sul

“Você nunca saiu do Brasil”. Eu lhe disse sem me virar da poltrona do ônibus interestadual onde sentávamos lado a lado, mantive o rosto colado à janela e os olhos fixados nas estrelas do cerrado.

“Rasguei o passaporte na terceira vez que me negaram o visto, foi humilhação demais, agora não quero mais ir, meu lugar é aqui onde nasci”. Respondeu ela enquanto girava o corpo magro em minha direção como se buscasse a minha face impenetrável.

Percebendo a sua insistência, fechei os olhos e imaginei os dela, grandes e esverdeados, cujas pestanas piscavam mais aceleradamente que a boca quando ela falava. Grandes e grossos eram também os lábios, desproporcionais para um rosto de mulher pequena. Era como se nela olhos e boca competissem, nunca podendo se enfrentar numa batalha física atacavam-se ritmicamente.

“Olha pra mim. Ei, me ouviu não”? Disse ela me cutucando com o dedo.

Resignando-me ao seu apelo que agora era já era físico e que fazia doer minhas costelas por causa da unha pontiaguda, virei para olhá-la. No meu pavor de encará-la, delirei. Era como se os olhos dela se despegassem do rosto e levitassem a um palmo de distância da cara em sentido horizontal enquanto a boca permanecia ao fundo, colada ao rosto, fora de foco. As pestanas longas fechavam-se e abriam-se num descompasso frenético enquanto que ao fundo e fora de foco, a boca fazia o mesmo. Aquela imagem me levou ao pânico, quis furar com os dedos aqueles olhos grandes e verdes que pareciam pregados a mim.

A pequena consciência do delírio que me atacava me fez ter uma idéia racional, fixar o meu olhar no rosto dela na esperança de que a imagem real voltasse. Entretanto, o delírio apenas deu um salto de progressão, a boca veio à frente e os olhos se recuaram para o fundo ficando agora em desfoque. Os lábios carnudos tomaram proporções gigantescas, o incisivo esquerdo, levemente entortado, virou uma longa cobra branca que saltou de sua boca e se enroscou no meu pescoço. Levei as mãos à garganta buscando ar, tossi, sufocava, era o fim. O ônibus deu uma freada abrupta que me levou a bater com a cabeça no banco da frente.

"Você está bem? Eu não queria falar mais sobre isso. Mas foi você que começou, por quê"?

O som daquela voz fina e aguda como o berro duma cabritinha - como fora apelidada pelos irmãos -, desfez o desespero irreal em que eu havia me metido. Mirei-a nos olhos, e aos poucos a cobra branca foi voltando à boca dela, virando novamente o incisivo esquerdo, depois a boca foi para o fundo da cara, saiu de foco.

Agarrei o seu dedo que outra vez com aquela unha me furava as costelas, apertei-o com calma como se dissesse que eu estava bem. Virei-me outra vez para a janela. Nossas mãos agora se entrelaçaram, ficamos assim de mãos dadas e em silêncio.

Aos poucos a minha respiração foi voltando ao normal. Como estaríamos, e como seria eu se eu não nunca tivesse ido embora do Brasil. Tudo seria como antes? Nem a imaginação me dava uma resposta que me contentasse.

"Tudo passa. Isso é a mais triste condição da vida". Disse ela como se me lesse os pensamentos, como se resignada ao fato de que tínhamos seguido vidas tão diferentes, embora tivéssemos prometido nunca nos abandonarmos.

"No dia em que fui buscar meu passaporte com o pedido de visto rejeitado pela terceira vez, fiquei arrasada. No ônibus de volta para casa rasguei e fiz em

picadinhos aquela página onde carimbaram *cancelado.* Depois rasguei a página com a minha foto. E depois risquei com a caneta a capa, risquei tanto a palavra *passaporte* que furei de um lado ao outro. Joguei fora tudo pela janela do ônibus. As marcas documentadas do meu sonho de ir para lá ficaram espalhadas pela BR116”. Disse ela com aquele jeito dramático porém com um tom triunfante mesmo se derrotada que sempre teve. É forte, sempre fora. Nunca imaginei que fosse eu a pessoa a ir embora e ela a que ficasse.

“As estrelas aqui parecem estar mais próximas à terra do que as do hemisfério norte, mas são mais poucas. É isso, próximo e pouco é como viver no Brasil”.

“O quê”?

Aquela conversa que vínhamos tendo nos últimos quinze anos toda a vez que eu voltava para visitar iria se encerrar agora. Encarei-a através da falta de luz do ônibus, via boca e olhos, era ali no ônibus, naquele entre-lugar, naquele trajeto que costumávamos fazer tantas vezes de Brasília ao Triângulo mineiro que tudo se relevaria. Beijei-lhe fundo o bocão enquanto segurava a sua mão que queria escapar. Os seus olhos enormes arregalavam-se mais e mais enquanto eu enfiava a língua para domar aquele incisivo, agora ela começava pestanejar. Por que esperei/esperamos tanto por aquele beijo. Estávamos tão atrasadas!



Janelas

Izabella Maddaleno
Juiz de Fora/MG

Sempre gostei de janelas
pequenas, quadradas, grandes, redondas.
Elas separam mundos, pessoas, vidas.

Numa manhã ensolarada,
as janelas anunciam um novo começo
São as porta-vozes da esperança

Parem e observem o instante,
quem vens vindo?
É a senhora dos remédios.

Traz as mãos enrugadas e envelhecidas
E num gesto gentil e delicado
abre a única janela de sua morada.

E deixa entrar os raios de sol
que iluminam o obscuro e o vazio
de sua existência melancólica.



Madame Satã

Edson Amaro

São Gonçalo/RJ

Para o bloco carnavalesco "Planta na Mente"

Vi Madame Satã no carnaval
Dançando sem camisa. Que deleite
O umbigo apetitoso, cor de azeite
De dendê esse corpo escultural!

Lábios rubros, bigode fino, qual
Folião que seus beijos não aceite?
Qual cavalo em que um santo bem se ajeite
Girava e se torcia em espiral.

Sambou da Lapa à Praça Tiradentes,
A pele encharcando de suor,
A saia abanando as coxas quentes...

As cinzas dessa Quarta já desfeitas
Das lembranças me restas a melhor,
Travesti que meu bloco bem deleitas...



Merda, Gatos e Poesia

Denis Vitor Moreira

Olinda/PE

Poetas me lembram gatos,

silêncio e solidão

é o que nos fazem fortes,

nada de malditos deuses com seus infelizes altares.

Sono, vadiagem e desapego,

preguiça e luxúria,

é disso que somos feitos

é isso que amamos

meus irmãos,

mas o preço é cobrado, e é caro.

Por fim,

nossos donos

com tristeza nos olhos,

nos agarram pelo rabo

limpando nossas bundas

enquanto deitamos, altivos e desajeitados

em nosso próprio excremento,

sem nunca perder o duro orgulho





nem a férrea e inesperada agressividade,

dignos de pena e de temor.

Depois de flutuarmos em tantos telhados

depois de termos namorado todas as faces

da lua e

de cada estrela perdida,

tantos orgasmos sob o escuro céu,

morrer sozinhos,

embaixo da mesa da cozinha

sob a própria merda,

é o nosso destino,

é para onde

tudo nos arrasta.







Mesa com Toalha Branca

Eni Ilis

Campinas/SP

Mesa com toalha branca, tão branca que intensifica a claridade do dia tão branco. Cada qual em seu lugar diante do prato que é fino contorno tão, tão branco é. Refeição imersa em claridade, claridade que ofusca e cintila. Uma colherada, estranheza. Duas colheradas, persistência. Três colheradas, consequência. Fios de sangue a misturar, grudar nos cacos de luz, que vão do prato para a boca. Mastigar, engolir, raspar, rasgar, trajeto que começa com a mão que move a colher que alimenta; colher que cava no prato mais um bocado, colher que deixa no prato mais um vermelho, arrasta para a borda, escapa, pinga, mancha a toalha branca, tão branca que bebe e endoidece com essa cor de vida! Quatro colheradas. Cinco colheradas, seis colheradas. Repetição e aguentar-se. Deixar, por instante a colher, segurar o copo com sua água. Um e dois goles, tempo que para, água que corre e mistura sangue. Sete colheradas e oito e nove cada vez mais a claridade se estendendo, cada vez menos presenças à mesa. Mais uma colherada, gesto para mais uma colherada e não mais. Chegará a sobremesa, pois. Que a mão tenha a força para mais um gesto. Dez colheradas. Quanto sangue no fundo do prato! Quanto sangue no canto da boca, debaixo da unha, entre os dentes! Segue que seca, sangue que fica. Pele quebradiça.



Meu E.T. Gato

Ovidiu-Marius Bocsa
Romênia

Meu gato é um E.T. vem do espaço exterior distante,

Naquela incrível manhã verde cheia de graça,

Pronto para se compadecer de uma raça desconfortável.

Eu confundi-o com uma formiga verde-gigante vanguardista,

Ou um camaleão prateado amigável e brincalhão de camaleão:

Seu crescimento cresce cresce magra e escasso ...

No começo era branco e veio do Cube

Em uma gaiola verde como um OVNI, ou um cubo brilhante;

Uma esfera oca escura variável, elipsoide ou tubo

Era seu ambiente, onde ele se sentia incrivelmente livre.

Talvez alguém o tenha pintado, uma piada para mim.

Uma fullerene como molécula composta inteiramente de C,

Pode parecer com suas cores e formas variáveis...

Vindo do outro mundo, ele tinha normas diferentes.

Eu liguei para ela, espero - com muitas formas, não corajosas;

O pobre gato que vive com seus próprios hábitos segue os modelos,

Como uma tartaruga ou um caracol com suas conchas de longa vida,

Então, Hope permanece nas células empoeiradas do Closet ético relativo.

Ele carregava seus códigos de doações genéticos e de civilização,

E não há hesitação em polir-los em muitos modos

As comunidades da mente correm como, como escreveram poetas

De lembranças significativas como diamantes invisíveis

Em algumas formas de alotropos com sons graváveis.

Em seu mundo, o ET ferido pode sempre reclamar

Quanto às regras restritivas de auto-manutenção;

Mas aqui, muitas pessoas são ruins no reinado de seus gatos

E muito severamente o esquecimento e as leis dos tornos para vincular

Um objetivo submisso ou subversivo de lavar a mente.

Não podia mudar sua cor estranha nem ajudar um cego.

Se muitas apostas tiveram um triturador na mão,

Enganado pela lógica, ou solicitado pelo comando do espelho;

Simulação e dissimulação, eu nunca poderia entender;

Nem esperança, o bom novato, com mão velha e invariativa;

Seja qual for o cordeiro arrumado de transformação e simulação,

Eu amo meu gato, eu amo seu pêlo, mas como podemos esclarecer:

O mundo comum de julgamento espera nossa constância.

Os cientistas têm muitas obsessões: precisa de pertences de gato:

Em seu espaço multidimensional, a única obsessão de meu animal de estimação

Um personagem de mudança mostra a multiplicidade de coleções de pontos

Ao arrastar um objeto 0-dimensional em alguma direção,

Obtém-se um objeto 1-dimensional e auto-seleção.

Arrastrando um objeto de 1-dimensional em uma nova direção,

Obtém-se um objeto bidimensional como auto-proteção.

As manobrações genéticas podem adicionar sujeito de ração:

Meu gato ET está jogando em seu cubo além do projeto K-K.

Na verdade, ele poderia coletar um objeto (n + 1) -dimensional

Arrastando um objeto n-dimensional em uma nova direção.

Em nosso mundo, este jogo parece ser uma seleção natural.

Vivemos na analogia de que (n + 1) - bolas dimensionais

Tenha n limites dimensionais, além dos buckyballs ...

Quem nos colocou em tal cultura? Até o seu tempo chegar.

Se Hope tivesse asas, poderíamos colocá-lo em um galinheiro moderno?

Nosso mundo constrói isso como um novo loop-hole ou como um loop alarmante ...



Mulheres

Aldirene Máximo

São Paulo/SP

Admiro as mulheres, assim como eu, que aceitaram viver os maiores desafios de suas vidas. Mulheres sábias, guerreiras, que tiram água de pedra, cujos corações guardam preciosos tesouros.

Admiro as posturas diante de uma vida dura, amarga, cruel, cujos sorrisos doces e discretos nos fazem refletir na força interior que todas nós temos.

Sim, apesar dos espinhos, são belas Rosas a enfeitarem o jardim de Deus!

Admiro as mães que ensinam as suas crianças a acreditarem na evolução humana, pois a vida é um eterno aprendizado...

Existem mulheres que se julgam invisíveis, que esquecem de se olhar no espelho durante as manhãs, que não conseguem enxergar a si. Amigas, precisamos conversar: Você é linda, uma joia rara, lapidada por Deus! Cada lágrima derramada te fará mais forte. E é dessa força que você precisa, para vencer as adversidades.

Mulheres, maravilhosas é o que nós somos. Não aceite menos do que isso. Deus nos fez perfeitas, lindas e inteligentes.

Acredite em você!



Música

Sigridi Borges
São Paulo/SP

Estas a bailar
no suave aterrissar dos pássaros.
Outrora quiseste cobrir de ternura
cada timbre, cada tom.
A intensidade dos versos,
a altura dos sons,
cada nota, cada sílaba, no compasso, cada métrica...
A música enleva a plateia
cercada em harmonia.
Entre versos e estrofes,
comove o afoito,
desperta o abatido,
transmite a imagem.
Remete ao silêncio.



No Fundo do Poço

Carlos Almeida
Viseu - Portugal

Os gritos da sirene preenchendo a extensão da longa e estreita rua assemelhavam-se aos uivos do vento em digressão cortando as esquinas das tardes de inverno. O carro gigantesco dos bombeiros aproximava-se do fundo da rua onde se acotovelavam algumas criaturas atropelando vocabulário ensurdecedor, gesticulando sobre as sombras já caídas das árvores e das fachadas rústicas. Um rapazito sobressaltado acorreu em passo acelerado à chegada dos bombeiros. O rapazito tinha uma história para contar. O rapazito era senhor de um gatinho ainda bebé, bichano encontrado ali mesmo no final da longa rua, animal assustado e esfomeado, logo arrancado da rua e apresentado à família com a fama de andarilho.

Não descansava o petiz enquanto não chegava da escola, as mãos e as brincadeiras enredando o gatito em longas investidas desde os cantos da sala até aos ângulos do quintal. Uma única e frondosa cerejeira refrescava o espaço do quintal aberto à inclemência do sol de tardes escaldantes. O gatito depressa descobriu todos os recantos e labirintos da moradia, em poucas semanas conquistando peso e os corações da família. O quintal ao final da tarde tornava-se um espaço apetitoso, a copa da árvore frutífera logo descoberta e tornada floresta gigantesca para as aventuras do bichano irreverente.

Não descansava o bichano na ânsia e deslumbre em conquistar os espaços abertos e fechados, as alturas e os esconderijos, arriscando ficar prisioneiro em algum buraco ou tubo mais apertado, dando-se a cheirar com estranho empenho todas e quaisquer substâncias ou objetos espalhados pelo condomínio. Não descansava ele nem o rapazito atarefado e ansioso nas correrias ao encontro dos disparates e fugas precipitadas do gatito, a algazarra de um transformada no divertimento do outro. Até que naquele dia a tragédia se instalara: o diabo do bichano descobrira um antiquado e mal protegido e profundo poço seco e por ele perdera – se de amores, o corpito apertado lançado adentro do poço quiçá atrás de algum bichito dos matos até se estatelar bem no fundo de uns dez metros de escuridão, o corpito assustado miando em gritos à espera de um gesto salvador.

O petiz mirava em lágrimas a enorme viatura dos bombeiros, o petiz mirava de rosto em lágrimas os rostos comprometidos de todos os bombeiros equipados descendo da enorme viatura, o petiz gesticulava em lágrimas ao longo de horas de pânico apontando para a entrada do poço de onde ainda se escutavam quase

esgotados os sons aflitivos de um gatito assustado, o petiz não esgotava as lágrimas ao longo do rosto juvenil enquanto se dividia em soluços e explicações ao corpo de bombeiros encaminhados para o incidente.
A boca do poço como a boca entreaberta de um mundo do outro lado do mundo, o poço como o umbigo da terra ligando as redondezas de todos os dias a um outro mundo embrenhado em gemidos de pânico e labirintos de medos e bichos horrendos, o poço que sempre ali estivera escondido e alheado das aventuras e das certezas que nascem em cada dia ao longo dos raios de sol e de luar.
A gente existe na esperança permanente de um milagre, o petiz medindo a pulso e nervos em franja as operações de descida do bombeiro ao longo de uma cesta de salvação ao encontro de uma assustadora escuridão, ao encontro de uma alegria de salvação, ao encontro de raízes entrelaçadas em redor de pedras tão velhas quanto algumas memórias de velhos, ao encontro de uma história de encantar como aquelas estórias de duendes e dragões e fadas e capuchinhos vermelhos contadas ao longo de esperanças de noites para dormir sem sobressaltos …
A corda resvalando ia sobre pedras e musgos se desfazendo como se desfazem os sonhos à beira de um precipício, a corda levando para dentro do bicho papão o herói salvador de gatinhos perdidos nos labirintos da aventura dentro de uma terra negra e estranha feita de raízes hediondas e pedras esquecidas do tempo dos jogos ao pião e dos saltos à corda e das lengalengas de bichos e monstros e milagres imperfeitos …
A corda parada na geringonça dos gritos de regozijo e nas mensagens de êxito lançadas pelos ares cobertos de uma noite cerrada, a corda indicando o caminho da salvação do diabo de um gatito travesso, a corda enrolando-se num sarilho de olhares e de ruas e caminhos ingremes e olhitos de gato travesso correndo e saltitando de galho em queda, a corda revelando já o início da cesta onde se erguia nas mãos do bombeiro o diabo do gatito arregalando os olhos na quase escuridão das suas cores, os olhos arregalados do petiz na ponta das suas mãos ao encontro do gatito abanando a cauda em ansiedade e carinhos comovedores, a corda resvalando ainda nas pedras velhas cobertas de miséria e de tragédia, a corda resvalando ainda mais sobre pedras malditas se desboroando em pedaços de desgraças e correrias sinistras em redor da boca de um monstro insatisfeito, as pedras arrastando em gritos e olhares de pânico as mãos esticadas do bombeiro para dentro de uma profundidade amaldiçoada, as pedras carregadas de perversidade se desboroando e esmigalhando em pedaços de trevas e tragédia, as malditas pedras de velhos muros construídos por mãos calejadas em redor de longas estórias de vida e de encanto …





O Assassinato

Katarine N. Norbertino.

Vitória da Conquista/BA

Ocorreu um assassinato. A vítima foi esquartejada. Tinha 16 metros de altura, cerca de 150 anos, era nativa da Amazônia. Havia testemunhas de todos os tipos, muitas dependiam da vítima para sobreviver. As autoridades têm consigo, todas as provas do crime, todos os vestígios que apontam os assassinos. Porém, isto não é o suficiente para condená-los, e tudo porque as autoridades não dão importância ao ocorrido. E os assassinos continuam fazendo mais vítimas de características parecidas. Quando se fez esta vítima, indiretamente fez-se outras. Agora, toda a população sofre e os culpados continuam impunes. Desmatamento é crime, é justo os culpados não serem punidos?



http://propria-mente.blogspot.com.br/

O Canto do Siripipi*

Admário Costa Lindo
Póvoa de Varzim - Portugal

em memória de Ernesto Lara Filho

I

osipipi osipipi osipipi
afasta de mim este rançoso visgo
que me aprisiona
esta rede de emalhar
que me incomoda
esta ânsia do madeiro
que me mata.

II

livra este verde trópico que me rodeia
e me refresca
esta amarela polpa que me sacia
e acalanta
este azul celeste que me liberta
e te cobiçam.

III

este é
o meu mundo.
tambula conta
nele
ó Kalunga!

osipipi osipipi osipipi

*Notas:
kalunga. (multilingue) Na tradição cultural angolana é um termo de significação multíplice: Além, eternidade, lugar dos mortos; morte; abismo, mar, profundezas do oceano; precipício; Deus; Deus dos abismos; juiz dos mortos.
osipipi – (Umbundu) Onomatopeia do canto do siripipi, da qual deriva o nome do pássaro.
siripipi – (umb.) *Colius castanotus*, ou rabo-de-junco-de-rabadilha-vermelha, ave com plumagem cor-de-canela, característica por apresentar uma crista e cauda duas vezes superior ao tamanho do corpo. V. Osipipi.
tambula conta - (hibridismo mult.) Tem cuidado; toma conta.

https://papeldelivroii.blogspot.pt/



O Flautista de BSB

Ronaldo Dória Jr
Rio de Janeiro/RJ

Todos estavam preocupados com a infestação de corruptos que assolava a cidade. Certo dia, um homem surgiu com a solução. Levou sua flauta e soou a melodia mágica através das duas cúpulas. Conduziu as centenas de “ratos” hipnotizados até o lago e os afogou. “Não há mais motivos para temer”, pensou.









O Macaco e a Viola

Daniela Genaro
São Paulo/SP



Vai ter festa!
Vou pegar minha viola
e fazer uma seresta...

Vou tocar a tarde inteira,
vou trazer vocês pra mim,
vai ter muito brigadeiro,
brincadeira vai ter sim.

O macaco e a viola,
do ré mi, mi fá sol lá,
na batida da alegria,
parabéns vamos cantar.

O Mesmo Bicho

Denise Dos Santos Flores
Alvorada/RS

Faça-se um exame em um homem de pele branca e um de pele negra e o que se constata? A mesma estrutura óssea, as mesmas vísceras, músculos, órgãos, tudo igual. Ambos sentem dor do mesmo jeito, o cérebro funciona da mesma forma, tem as mesmas emoções, são idênticos! Ora mas porque não seriam? Ambos são animais da mesma espécie! O mesmo bicho! O bicho homem!

Porque raios então alguns homens brancos se julgam superiores, melhores do que homens negros? Perguntinha incômoda esta, mas com certeza necessária. Creio que seja uma questão educacional. As crianças no passado eram ensinadas desde os primeiros anos de vida a fazerem uma distinção, uma separação entre brancos e negros e cresciam assim, preconceituosas por educação! Daí o fato de algumas pessoas que hoje estão em idade mais avançada serem racistas. Claro que não somente os mais velhos, o racismo ainda se faz presente em todas as faixas etárias. Situação essa que felizmente está mudando. As crianças hoje são educadas para sentirem-se exatamente como são: iguais! Cabe, portanto a nós, pais, educadores e sociedade em geral, continuarmos fazendo nossa parte para que este cenário continue mudando, até que se viva em uma realidade em que a palavra preconceito faça parte apenas de um triste e lamentável passado. O racismo ainda existe em nosso meio, em menor escala é verdade e quero crer que caminhamos para sua extinção. Chegará o dia em que nos espantaremos por ele um dia ter existido. Que o veremos como fruto da ignorância e bestialidade de outras épocas.

A tristeza do negro no passado era a escravidão. O chicote, a senzala, os castigos. A tristeza era não ter quase nenhum direito. Hoje a tristeza é ainda ser vítima de racismo, é constatar que a pobreza do país é formada muito mais de negros do que de brancos, é saber que crianças brancas têm mais chances de

serem adotadas do que as negras. A tristeza hoje é ainda ter que continuar lutando por igualdade.

A escravidão do homem negro foi ato desumano, mas necessário de ser lembrado, para que não se repita o mesmo erro, a mesma barbárie. Para que se perceba o quanto o bicho homem pode ser cruel e para que lutemos todos, brancos e negros contra essa capacidade de sermos tão ruins.

Espantamo-nos, revoltamo-nos quando pensamos no que fez Hitler com os judeus. Mas, deixando de lado os métodos e as práticas e focando no fato de um ser humano, por se julgar superior, subjugar o outro, pensemos:

- Acaso foi menos trágico o que fizeram nossos antepassados com o povo vindo da África?



O Sitio do Agora

Beco da Preta
São Luís/MA

“A imaginação ajusta o local de vivência com o sítio do pica-pau-amarelo, que largueia o passeio entre as matas, brincadeiras, leituras e ainda exercício do papel/lápis, escrevendo o que percebe. Tantas dúvidas, várias opiniões e planos para a próxima aventura. Delírio que o corpo transcende a bravura de distintas habilidades dos personagens que seguem.

Emília, que em sua audácia inventa procedimentos de uso dos por quês.

Em seguida permuta com *Visconde de Sabugosa*, que fazendo várias pesquisas de quando a situação inicia. E tenta resolver teoricamente o definitivo acerto dos problemas.

Depois aparece a doce *Narizinho*, que calmamente introduz as idéias para um final feliz ou não. E prossegue com *Pedrinho*, sem medo de enfrentar a permanência ou as mudanças.

A televisão transmitindo o noticiário, começo a pensar que posso ser Vovó Benta, *Tia Nastácia*, *Tio Barnabé*, *Saci-pererê*, *Cuca*, *Marques de Rabicó*, *Quindim*, *Jeca-tatu* e tantos outros que nasceram da sua pena.

A visão é profunda em capítulos, enredos, cuja trajetória atravessa o presente como se esse lugar que se faz perdido, achasse provas para entender os dramas, choro individual e coletivo, ausência de tudo e a solução da situação-problema dentro e fora do Brasil.

Outra vez pelo mundo de Lobato, sinto que carece a tomada de consciência prática, para vencer um dia de cada vez e ter um mundo melhor.”



O Universo Mental

Ketely Temper Almela

São José do Rio Preto/SP

O universo é um sanatório mental
As ideias são maravilhas não mostradas
Aos homens loucos, aos humanos doidos
Maravilhamentos fundadas pela arte

Sanar é uma sombra de dúvidas
Caladas pelo sanatório da escuridão do medo
Brotadas no jardim do homem em desespero
Que vive no universo das maravilhas

Sombrio consertante coração
Como um relógio que nunca para de girar os ponteiros
Tramado pelo homem do passado
Damo de um reino de paixões
Lobo que nunca para de uivar

Homens sanados pelo ontem
Universo triado pelas semelhanças
Teniados sanatórios da sabedoria
Azias não surpreendidas.

Fim

O Velho, a Moça e o Bar

JAX*

A moça de sorriso farto e cabelos de tom castanho-alourado, ligeiramente ondulados, chegou desacompanhada ao bar aquela noite. Decidira, à última hora, dar uma passada ali, sem combinar previamente com algum de seus muitos amigos, igualmente frequentadores do local. Sentira aquela vontade súbita de tomar um drinque, ouvir música ambiente e encontrar alguém, conhecido ou não. Nem seria, aliás, a primeira vez que o fazia. Suficientemente bonita ou atrativa, estava sempre segura de vir a passar mais uma noite agradável de boêmia.

Ao entrar no bar, saudou um ou outro garçom e correu os olhos pelo local, para ver se algum de seus amigos estaria ali. Havia pouca gente nessa noite, e ela logo se certificou da ausência de qualquer integrante da sua turma. Identificou rostos que já havia visto antes, como o do esquálido cidadão que costumava postar-se próximo do piano, quando tocava Rafael, o pianista habitual, e aquela senhora de cabelos ruivos, cujos óculos de armação encorpada lhe davam certo ar de intelectual da noite.

Resolveu ir direto ao balcão do bar, sentar-se ao lado de um senhor de meia idade que ali se encontrava sozinho. Apesar do curto tempo em que observara o ambiente, a moça percebera que o tal senhor guardava postura serena e pensativa a um só tempo, alternando seu olhar do drinque que tomava para o espelho diante de si. De resto, seu jeito algo charmoso parecia credenciá-lo para uma conversação aprazível.

Ao acomodar-se no assento, a jovem dirigiu a seu vizinho um "boa noite" suave, emoldurado pelo sorriso moderado de quem deseja apenas pretextar educação ao encontrar alguém pela primeira vez. O "velho" (vendo-o mais de perto, ela considerou que ele já poderia estar na casa dos sessenta) respondeu de modo igualmente suave e educado, mirando-a com candura e cordialidade, a

confirmar a expectativa da moça de que viria a constituir agradável companhia naquela noite.

A conversação inicial manteve, de parte a parte, o cuidado de mostrar-se gentil sem insinuar intenções outras que as do mero conhecimento mútuo. Ela comentou não se lembrar de havê-lo visto antes no bar, ao que ele polidamente esclareceu ser aquela somente a terceira vez que vinha. Acrescentou que, embora já residisse na vizinhança há quase quatro anos, não cultivava o hábito de sair à noite. Tendia mais a sair de dia e ficar em casa, de noite, dedicado à leitura ou à música. Coincidentemente com a idade que ela supunha que ele teria, o cidadão caseiro gostava de autores mais "tradicionais", como Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Machado de Assis, entre os escritores brasileiros, e Albert Camus, entre os estrangeiros. Seu gosto musical compreendia tanto a música clássica, especialmente obras de Mozart e de Grieg, quanto canções populares brasileiras de Noel Rosa, Pixinguinha, Jobim e Chico Buarque. Para sua evidente satisfação, a jovem também conhecia boa parte das obras a que ele se referia, o que ensejou fluido intercâmbio de comentários em torno dessa "agenda" cultural.

À medida que a conversação avançava, a moça deixou escapar um pouco mais da sua curiosidade, ao voltar ao tema da presença do senhor no bar naquela noite. Perguntou-lhe se vinha sempre só. Ele respondeu com naturalidade que, na verdade, ali estava a esperar pela esposa. Mesmo acreditando na espontaneidade e insuspeição dos encontros ocasionais, como aquele, a jovem refletiu que talvez não valesse a pena arriscar-se à chegada da mulher de seu interlocutor. Afinal de contas, vá saber o que pode passar pela cabeça de outrem ao encontrar o cônjuge em conversa com alguém desconhecido. Por prudência, e aproveitando o fato de que acabara de entrar no bar uma velha amiga, a moça desculpou-se com seu interlocutor e deixou-o novamente só. Cerca de uma hora depois, enquanto ela e a amiga passavam de um drinque a outro, em animado bate-papo, a jovem se deu conta de que o

senhor continuava onde estava e solitário. Lamentou consigo mesma o pouco caso da mulher com o marido, ao atrasar-se tanto para vir ao seu encontro. Outra hora passou-se, mais uns amigos apareceram e ajudaram a estender o prazer daquela noite. Numa das ocasiões em que, casualmente, olhou para o balcão do bar, constatou que o velho se retirara. Ao sair com seus amigos, a moça não resistiu à curiosidade e perguntou ao barman se a esposa do homem tinha chegado afinal. A resposta foi surpreendente: o barman explicou que o cliente era viúvo, mas sempre dizia que aguardava a esposa. Em tom sarcástico, acrescentou que o vira agir, da vez passada, como se ela estivesse a seu lado.

A jovem continuou a frequentar o bar, só ou – no mais das vezes – na companhia dos amigos. Em algumas ocasiões, voltou a ver o viúvo solitário, sempre no mesmo lugar, defronte ao balcão e ao espelho que intermitentemente mirava (será que enxergava, ali, o reflexo da falecida esposa?). A moça ficou com a impressão de que o senhor parecia mais velho cada vez que o via. Sentiu compaixão por aquele homem que vivia a esperar sua cara metade, como se ela ainda fosse viva. Apesar desse sentimento, bem assim da sincera dor que passou sempre a experimentar quando vinha ao bar, ela jamais conseguiu reaproximar-se do velho, fosse para verificar se poderia ajudá-lo (o que considerava improvável, na verdade), fosse apenas para retomar a conversa sobre obras literárias e musicais. A vontade de procurar atenuar a solidão daquele senhor contrapunha-se ao temor de que ele pudesse revelar algum desvio mental mais sério, capaz de colocar risco à segurança da moça. Essa ambivalência perturbou o prazer de suas vindas àquele bar de tal modo que finalmente decidiu não mais o frequentar, inventando desculpa que seus amigos engoliram com a mesma facilidade com que todos continuaram a engolir seus drinques de descontraída felicidade em diversos outros pontos de encontro. Sem a presença incômoda da dor de uma solidão interminável. Sem a dor ainda maior que causa a sensação de impotência ante o sofrimento humano.

**JAX é pseudônimo de Fernando Jacques de M. Pimenta, Brasília, DF*

Olimpo dos Poetas

Maria José Moura de Castro
Gondomar, Porto - Portugal

No Olimpo dos Poetas,
A fada Oriana voava,
E as tertúlias que aí se faziam
Eram lindas e discretas.
(Só os poetas podiam ver Oriana)
"Encanta a noite, Oriana!", pediam.
E Oriana encantava.
Eles, felizes, sorriam,
Nos tronos daquele panteão
Onde Oriana tinha assento
E a poesia acontecia.
Eram todos grandiosos
Mal cabiam no seu lugar
(Mas a nenhum proibiam de entrar).
Escreviam versos maravilhosos
Dignos de quem sabe amar.

Camões tinha um fogo
Que ardia sem se ver.
Era homem de grandes paixões
Com sonetos e "Os Lusíadas" para ler.

Fernando Pessoa dizia-se um fingidor
Que chegava a fingir que era dor
A dor que deveras sentia
Nas pessoas que nele havia.

Florbela Espanca suspirava por uns braços
Que a prendessem em horas de cansaços
E a sua divagação
Animava o seu coração.

Augusto Gil encantava-se com a neve
Branca, fria e leve,
Mas também se entristecia
Com a criança descalça
Que ali padecia.

Alexandre O´Neil tinha palavras que o beijavam
Como se tivessem boca,
Palavras de amor e de esperança,
De imenso amor e esperança louca.

António Aleixo, que não andara num colégio,
Numa escola ou num liceu,
Ofereceu ao amigo Régio
Um livrinho que era seu.

José Régio olhava-os com olhos lassos,
Olhos com ironias e cansaços.
Quando lhe diziam "Vem por aqui!",
Cruzava os braços e nunca ia por ali.

António Gedeão sonhava, sonhava
Um sonho que o comandava,
Acreditando que o mundo pulava e avançava
Como bola colorida nas mãos de uma criança.

Almada Negreiros recordava a pastorinha
Chorada por todos e conhecida por ninguém.
Morrera de seus amores, a pastorinha,
Com ela suas mãos compridas e seus olhos também.

Almeida Garrett negava o seu amor.
Não amava, queria,
O amor tinha de vir da alma
E ele, na alma, tinha a calma,
A calma do jazigo.

Sophia de Mello Breyner Andresen
(reconhecia a sua fada)
Estava feliz, vivera a madrugada que tanto esperara,
De onde emergira da noite e do silêncio
E, livre, habitava a substância do tempo.

Zeca Afonso cantava as canções de maio,
Rodeado e acompanhado pelos seus amigos.
E a mensagem, que ecoava bem,
Dizia "Traz outro amigo também".

E então era **Amália Rodrigues**
Que à gente de sua terra
Cantava o triste fado.
E, a tristeza que cantava,
Dessa gente a recebia.

E este Olimpo de Poetas,
Nas palavras de Florbela Espanca,
Davam como se fossem
Reis do Reino de Aquém e de Além Dor,
Tinham dentro um astro que flamejava,
Garras e asas de condor!
Tinham fome e sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e cetim…
E condensavam o mundo num só grito!

Encantado por uma fada chamada Oriana.

https://www.facebook.com/mjmcastro/



Os Monstros do Caminho

Vânia Bandeira

Sergipe

Em uma pequena ilha distante, morava um rei e uma rainha que tinham 13 filhos, entre todos havia uma figura franzina de 08 anos de idade, que se chamava Mila e que vivia cercada de muito carinho, mas perigos lhe rodeavam na pequena ilha, todos os dias Mila precisava cuidar de um pomar, por ordens de seus pais e irmãos mais velhos, o que todos não sabiam é que no caminho até o pomar havia monstros severos que a provocavam, incentivando-a a fazer coisas terríveis contra a sua vontade, e assim passaram-se longos dias, Mila ia cuidar do pomar e a cada dia inventava uma formula mágica para vencer os monstros do caminho, mas não revelava a sua fórmula a ninguém, o tempo foi passando e a época da colheita chegara, pra alegria de Mila, tudo havia dado certo durante a sua vigília na ilha, cuidava com carinho e zelo do pomar que lhe fora confiado, se deliciava dos frutos docinhos e conversava com os passarinhos, que pareciam lhe entender, " uffa, como é bom, cuidar do pomar e conversar com os passarinhos", pensava Mila.

Passaram-se o tempo, e chega a época do plantio novamente, quando as frutas começassem a nascer, seria necessário voltar a cuidar do pomar, vigiar para predadores, camaleões, não comerem as frutas, eles tinham medo de Mila e Mila tinha medo deles, assim passavam-se os dias, Mila conversando com os passarinhos: " Seria tão bom se tivesse alguém para me proteger", pensava Mila, contando os gafanhotos, enquanto os frutos cresciam. Mas vivia triste sem saber com quem contar e em quem confiar para revelar seus segredos que a atormentava a cada dia, o tempo passava e Mila continuava a cuidar do pomar, passou por grandes desafios, enfrentou diversos monstros, mas o pior de tudo ainda estava por vir, quando estava sozinha na ilha, achando que estava segura e que havia vencido os monstros do caminho, para o seu espanto maior, " Buuuuu", o monstro apareceu em sua frente, e agora como Mila irá vencer? Podia gritar o quanto quisesse, jamais alguém ouviria, tremia e buscava em sua mente a fórmula mágica para sair daquela situação, mas desta vez não houve jeito, o monstro implacável atacou-a. Mila cresceu, se mudou da ilha e guardou no silêncio de sua alma, nunca revelou a quem que seja a sua história naquela ilha.

Outonais

Outonais

Enquanto eu viver alguma folha minha cairá,

Mas, também, enquanto eu viver,

Primahaverá

Mickael Alves da Silva
Iguatu/CE

Paralisia

Marcella Pires
Goiânia/GO

Quando a atmosfera fez-se sufocante, fugi por uma porta secreta e mergulhei ao fundo de um quarto oculto do meu eu. Um fundo escuro e inebriante, onde vozes ecoam estridentes por todos os cantos. Nesse continente perdido, mundo de silogismos sem inferência, encontrei fantasmas de todas as cores, meus companheiros carrascos, escondidos em meio à penumbra do cômodo cinzento. Suas vozes roucas, seus corpos disformes e seus passos arrastados despertavam, em alerta, meus sentidos e instintos. No auge de seu ódio, sufocavam-me com suas mãos compridas, tomando de volta meu fôlego ao cingir-me em abraços grosseiros. Mas era de suas vozes macilentas que ouvia boa noite. Com cantigas de ninar, faziam-me sonhar, enchiam minhas terras de novas histórias, sobre novos heróis dourados de mundos longuínquos do outro globo. Fizeram dessas planícies um campo fértil, de onde a loucura emana em abundância e inunda o solo na forma de regatos de prata. Quis conhecê-los de perto, levar meus olhos ao fundo dos seus. Depois de anos de convivência, ousei desobedecer suas regras. Ao virem novamente até a ponta da minha cama, com seus corpos cinéreos exalando mau agouro, e pondo-se mais uma vez a me observar -- vidrados, fixos -- enquanto meu corpo dormia, quebrei o feitiço da paralisia e flutuei ao seu encontro, atravessando lentamente a atmosfera pesada do quarto. Aproximei meu rosto aos seus e olhei no fundo daqueles olhos em espiral. Minhas narinas resfolegavam ar morno nos rostos surpresos, constrangidos por ter sua charada desvendada: suas faces eram a minha própria. O mapa do meu rosto minuciosamente delineado em cada um. Minha mente entrou em turbilhão, e a confusão consumiu-me por completo, enquanto faíscas de múltiplos matizes queimavam, inaudíveis, ao nosso redor. Uma luz dourada então iluminou meus pensamentos, e o sentido fez-se entendido: vivo sozinho em mim mesmo. Éramos todos um só, e a pluralidade seria inconcebível, porque estrangeiros quaisquer não chegam ao continente dos sonhos alheios. Minhas projeções desfizeram-se então em espuma e vapor, subindo pelos ares e desaparecendo logo em seguida, sem previsão de retorno. Abandonaram-me em um quarto vazio.

https://atabularosa.wordpress.com

Partidas e Chegadas

Kal Machado
Rio Claro/SP

Mesmo que a distância e o silêncio se tornem mar, há paixões onde não se consegue conjugar o verbo olvidar.

São sentimentos que antes de se tornarem avassaladores, costumam chegar de mansinho, dissimulados em sorrisos meigos, olhares que fascinam, gestos corteses, palavras carregadas de lirismo, em sedutores balanços de ancas e hipnóticos meneios de cabelos.

Aos poucos, essas emoções ousadas, que não respeitam zonas de conforto, se instalam e, sem pedir licença ou papel passado, acabam se tornando donatárias de corações que ainda tem muito amor a dar.

Com o tempo, especialmente, nos momentos em que a saudade se impõem, cria-se o hábito de mobiliar o vazio afetivo, com a penumbra das doces lembranças, até se dar conta do quanto é prazeroso ser refém desse aconchego e êxtase.

Ignorando os conselhos de Simone de Beauvoir, uma mulher verdadeiramente apaixonada esbanja leveza e espanta a melancolia, quando, ao ver-se emoldurada por um céu de nuvens púrpuras e, repleto de pássaros pairando sobre o velame embandeirado que reconhece, capricha na trança, coloca fita, flor e colar de conchas combinando com o vestido de renda branca que seu capitão tanto gosta.

Do mesmo modo, o coração de um homem verdadeiramente apaixonado sabe, pelo brilho de um olhar que lhe é farol, quando, finalmente, encontrou sua estrela guia e, um regaço acolhedor, com a segurança das docas de águas profundas, onde poderá recolher velas, deitar âncora e criar raízes.

Assim, para um casal apaixonado, nada pode ser mais inebriante do que, navegar pelos sete mares e acordar numa manhã que ainda boceja, com seus corpos nus, emaranhados e exaustos, ouvindo o troar das ondas arrebentando na praia, nos rochedos e no casco de um veleiro ancorado, enquanto, preguiçosamente esperam o apito da chaleira, para saborear no convés, um delicioso café frugal e pão com aroma de baunilha.



Pequeno Vilarejo

Breno Capucena

Paraíba



Revejo a cabana do nosso pequeno vilarejo
Da cabana, o teu sorriso
Gracejo.

Cortejo o teu beijo,
Tua curvas,
Tracejo.

Almejo:
Teu corpo,
No seu sabor,
Pelejo.

Neste intenso desejo:
Tua lascívia,
Me perco!

https://devaneioseincompletudes.wordpress.com

Pesadelo

Thaís Barbosa Ribeiro
Uberlândia/MG

o mundo me acorda
de dentro de mim,
com voz sôfrega
me diz que o amor
foi pelo ralo.
porra de mundo!
logo hoje,
logo no dia em que eu queria
dormir até as dez da manhã!
o mundo bate,
desesperado,
na porta do meu peito,
quer sair.
me recuso
a me cortar
para que o mundo saia.
o mundo chama
chama,
clama
e eu só tapo os ouvidos.

https://amargosaodesertoeprachorar.wordpress.com/

Poema

Bianca Ferraz Rebelatto
Nova Xavantina/MT

"Eu poderia ser encorajada pelo ar.
Ser amada pelo mar.
Ouvir sussurros trazidos pelo vento, dizendo o que preciso fazer.
Estar a caminhar com meus pés descalços sobre a areia morna.
Respirar a liberdade de uma noite quente rodeada de estrelas.
Receber um sorriso de quem confio, aquele sorriso que diz que está tudo bem, e ouvi-lo dizer que essa dor de cabeça será passageira como tolos sentimentos de verão.
Dizer que posso ter muito mais do que essa mente perdida, e essa personalidade que insiste em me esconder”.



Poetar Não Tem Hora

Almir Floriano

São Paulo/SP

Eu gosto de poetar pela manhã
Porque as palavras saem orvalhadas
Brumadas e cheirosas
Para quem lê, é um balsamo
E a mente segue limpa e perfumada!

Eu gosto de poetar à tarde
Quando o sol se põe detrás das nuvens
E o pensamento divaga entre elas...
Me visto de anjo ou de pássaro
Te procurando na imensidão multicor
Vivo sempre me perguntado,
Onde anda o meu amor?!!

Eu gosto de poetar de noite
Porque minha força está na solidão
Da claridade dos meus pensamentos
Onde tento escrever seu rosto
Nas tortuosas linhas da minha mão
Eu gosto de poetar de noite
Porque o silêncio me faz adormecer
E recostar o corpo em devaneio
Para me juntar a você !

Eu gosto de poetar de madrugada
Porque ela guarda segredos
Que confidenciamos em silencio
Me perco em sua cintilância
Em lamentos e desesperos
Pelos crimes não cometidos
Por mim, em nome do amor!

Eu poeto a todo instante
Porque o amor não tem hora
Não pede licença para entrar
Nem avisa que vai acontecer
O amor não esta nas sombras do ressentimento
Nem deixa de existir porque pedimos

Ele simplesmente existe
Mesmo que você olhe para o outro lado
Ele estará sempre perseguindo você
Abra seus olhos, braços, coração
Não hesite em deixa-lo lanchar em seu corpo
Faça bom uso dos cheiros e sabores
Porque o amor é a vida em você!

www.facebook.com/almir.floriano.79

Presença

Victor Amado de Oliveira Costa Rezende
Itaperuna/RJ

Vivo numa pequena cidade, pequena e simples, muito diferente das de grande porte que existem em nosso Brasil. Ainda é comum aqui árvores em frente das casas, muros baixos para se mostrar o quintal e seus jardins, uma jóia rara perdida no tempo.

Assim como meu pai tinha, tenho eu também, o costume de descansar na janela, seja tomando um café, escutando uma música ou rádio, seja simplesmente vendo nossos conterrâneos passando. E observar o andar da cidade é o que mais gosto, desde que eu era uma criança.

As pessoas passam de um lado a outro, cada uma com um pensamento e um passo diferente. Mostrando em seus rostos uma preocupação ou um sentimento crescente. Sempre fui fascinado em observar as pessoas, tentar entendê-las. Um velhinho que caminha toda manhã, dando bom dia a todos que passa, Sr. Anísio o nome dele. Tem o Gabriel que estudara comigo no ginásio e agora trabalha na mercearia, sempre passa de bicicleta atrasado, com os olhos vermelhos de sono. Janaína da farmácia, também estudamos juntos, sempre para na janela para perguntar se precisamos de algum remédio para meu pai, boa moça ela. Entre tantos, tantos outros que caminham sua vida ao lado da minha janela.

Dentre odos da cidade, sempre houve uma pessoa que estava presente em meus olhares mais que as outras, Dona Clarice, tão bela ela é. É a melhor costureira da cidade, dona de uma loja de roupas chiques. Ela anda sempre com vestidos e outras roupas novas, depois as vende na loja, as mulheres da cidade nem ligam, devem até querer mais ainda. Grande parte das peças ela mesmo que cria, uma artista, outras vem da cidade grande.

Ela mora duas ruas antes da minha e sua loja é no centro, logo ela passa por aqui em frente todos os dias. Caminha numa calma, normalmente de salto e uma das suas roupas novas, resplandecendo como uma santa. Tão bela ela é, normalmente passa do outro lado da rua, quando vem do lado da minha casa costuma me perceber na janela, abrir um belo sorriso e me desejar um bom dia. Nesses dias ele sempre é bom.

Uma ou outra vez saio logo após ela passar e vou andando com calma a observando, colhendo todo fruto da sua presença que eu puder. Janaína que nunca entende por que falei que não precisava de remédios e apareci minutos

depois alegando esquecimento, diz ela que eu que preciso de remédios para memória.

Me lembro de um dia de chuva, quase ninguém passava e quando passavam era correndo ensopados, mas é única, vestia uma capa de chuva, daquelas amarelas, em cima de um vestido vermelho. O que em outros ficaria disforme, nela era como uma capa de puro ouro cobrindo da chuva uma chama viva de fogo. A calma em seu olhar, o andar determinado e sem perder o sorriso e a felicidade no rosto.

Dia mais frio e cinzento que aquela aconteceu uns meses depois. Veio seguindo pela rua não uma ou outra pessoa, não só Dona Clarice, mas sim um cortejo funerário. Vi de longe as pessoas da cidade de preto chegando, caminhando de rosto abaixado, tristes, chorosos. Carregando além de toda dor um caixão com Dona Clarice bela até sobre o véu do paraíso. Morrera, disseram eles ainda costurando, de uma hora para outra, sem nem saber o que aconteceu, sem sentir dor. Sai da janela, desci de casa e me juntei a minha procissão, seguindo pela última vez a minha santa.

Desde então deixei minha janela, quase não vejo outras pessoas, além das da casa. Comecei um novo passatempo, ando pintando no antigo ateliê do meu pai, como ele fazia. Todas as pessoas que conheci continuam aqui comigo, gosto de pintá-las como me lembro delas passando. Dizem que Dona Clarice morreu, dizem que meu pai morreu, vão dizer que tantos outros que passaram em minha janela morreram ou vão morrer. Mas como podem eles estarem mortos se continuam aqui comigo, quando fecho os olhos, quando retomam vida na tinta, nos quadros.



Rodopio da Mente

Leandro Emanuel Pereira

Portugal

Giramos em torno do plausível;
Mas a verdade é inacessível;...
A ciência torna-a verosímil;
A religião torna-a apetecível...

A lógica é perversa;
Subjaz à vontade do freguês;
Quando a realidade é adversa;
Viver o sonho não tem porquês...

Supostamente temos o livre arbítrio;
Mas desde cedo somos condicionados;
A sociedade invade-nos como um vício;
Torna-nos seus servos moribundos...

Ensinam-nos a adorar um deus;
Que nos desculpa a consciência;
E justifica os fenómenos inverosímeis;
Cristalizando-nos numa espiral de insipiência...

Os resilientes escapam;
Do status quo;
Pois abraçam;
O conhecimento...

Muitos tornam-se ateus;
Configurando na sua mente;
A solidão até ao fim dos dias;
É o preço de ser divergente...

Pois então quem está correto?
O peão ou o sabichão?
Se ser feliz for o repto;
O primeiro está em boa posição...

Todavia se a ilusão não nos sustentar;
Apanhamos a boleia do universo;
Numa viagem sem data para regressar;
Onde o pensamento é o combustível predileto...

Saudade Daquele Tempo

Regina de Sousa Gomes
São João do Paraíso/MG

Oh que mundo cruel
que me faz imaginar
como é doloroso sofrer
sem ter alguém para amar.

Saudade daquele tempo
que eu não precisava me preocupar
pois eu ainda era criança
e nem pensava em namorar.

Hoje eu sou jovem
e pretendo encontrar
alguém que me compreenda
e que faça o meu mundo melhorar.

Pois um dia ficarei adulta
e quero me casar
ter o meu esposo
e uma família para cuidar.



Saudades terei de ti, oh querido Haiti!

Wagner Trindade
Poeta Arara Azul
Rio de Janeiro

Debutantes nos despedimos de ti
queridos amigos do Haiti
é hora de partir, saudades teremos daqui
das missões que cumprimos

Neste chão tombaram irmãos
que deram suas mãos
em prol de uma missão
de proteger sua raiz

Lembraremos de seus filhos
e todos seus olhos
sempre nos mirando
na luz do horizonte

Sim, eu vou me despedir
me despeço em honra e glória
cultivando nossa história
oh querido Haiti!

Eu estou logo ali
sou amigo de seu povo
sou soldado brasileiro
nos doamos por inteiro

O olhar de suas crianças
nos trazem boas lembranças
superando a carência
e mantendo o sorrir

Até breve Haiti
se de novo me pedir
com fé virei aqui
sempre vou orar por ti!

- em homenagem ao povo do Haiti que se despede de nosso Exército Brasileiro.

Se

Edison Gil
Sorocaba/SP

Se cada verso
que eu rimasse com amor,
curasse a ira alheia,
não haveria mais terror.

Se a paixão
entretivesse com o calor
e queimasse o ódio insano,
não haveria mais pavor.

Se a verdade
fosse escrita com teor,
sentiria o gosto azedo
que doma o seu sabor.

Se poema colorido
suavizasse com a sua cor,
no outro dia não doía
aquela antiga e velha dor.

Se poeta apaixonado
revela-se espinho ao invés de flor,
perfeito seria o apego,
e não haveria um só doutor.

http://fb.com/siredisongil

Sem o Não e Sem o Sim

Bijuka Camargo
Piracicaba/SP

Meu nome é Não!
Não sei quando e onde nasci. Sou órfão e sempre fui.
Dizem que faço parte da família de Dona Negativa e Dona Recusa, porém elas nunca confirmaram nada.
A certeza que tenho é que sou o Não, e com motivos de sobra para deixar de existir.
Pode parecer estranho a vontade que sinto de sumir, mas Não é! Ando cansado de nossa convivência, e Não é de hoje.
Tenho sofrido bastante ao observar que as pessoas nascem e, mal começam a falar, já aprendem a negar o Sim, mexendo suas cabecinhas para lá e para cá, e ainda me carregam para o resto de suas vidas.
O desejo que tenho de desaparecer aumenta na medida em que vocês crescem, envelhecem e Não me largam.
É difícil vê-los me usando sem muitos critérios entre pensamentos e ações.
Embora eu viva sempre de boca em boca, a Tristeza e a Solidão me acompanham diariamente. Sei que sou o causador de grandes tragédias e alegrias, e que o meu sumiço causará alguns transtornos, afinal, vocês já se acostumaram com o uso desse advérbio em suas gramáticas e em suas vidas, porém hoje pouco me importo com o que irão sentir daqui para frente.
Penso em mim, e tenho Certeza de que Não quero mais viver por aí, dia e noite correndo em alta velocidade, congestionando as avenidas dos pensamentos como as outras palavras.
Acreditem ou Não, eu preciso desaparecer. Para que assim aconteça necessito de êxito no meu "grand finale", e, portanto, já iniciei os preparativos para tal acontecimento, e se querem saber, essa preparação é excitante e me enche de vida! Quero é partir, por inteiro.
Seria um desastre se o Não ficasse sem o "til", por exemplo.
Chega de Não... Não, Não e Não... Tenho Certeza que o meu fim será melhor para todos.
Agora pensamento positivo e tudo sairá como planejei, e em breve já Não estarei por aqui.
Sem dialogar com mais nenhuma das palavras amigas, mantive distância de

todos, embora soubesse que me usavam com muita frequência.
Não foi fácil, porém continuei a viver por longos anos, até que numa noite qualquer, eu, o Não, rapidamente, calado, sozinho e mudo, subi a ladeira mais alta da cidade. Daqui de cima, assisto o vai e vem de milhões de palavras criando inúmeras frases. Entro em êxtase, respiro fundo e me jogo!
Desço rolando desembestado, em alta velocidade morro abaixo, feliz e gritando:
- Nã ã ã ã ã ã ã o o o o oo o o ....
É o fim!

***

Por ironia do destino, o senhor Não, foi atropelado pelo senhor Talvez, que a 200 km/h corria de Dona Certeza.
No dia seguinte, o comunicado em todos os jornais!
"Faleceu ontem, na cidade das Frases, o senhor Não, que era solteiro e deixa os parentes: Talvez, Quiçá, Às Vezes, Quase, e também Dona Recusa".
Seu corpo será velado por todas as palavras do Dicionário.
"O sepultamento ocorrerá hoje às 17h no Cemitério dos Advérbios."
A partir de hoje, somente o Sim passa a existir, e ponto final.
Sem o Sim
Sim, Sim.
Data de nascimento incerta.
Filho do estrangeiro senhor Ok e da senhora Afirmativa.
Papai queria que eu me chamasse Yes, mas fui batizado com o nome Sim e registrado em todas as nacionalidades.
Amigos e parentes ficaram orgulhosos com a escolha desse nome, afinal o mundo precisava de um Sim, já que o senhor Não ainda existia e era assiduamente usado pelas pessoas.
Sem envelhecer e sempre cheio de certezas, cresci perfeitamente como todas as outras palavras.
Fiz parte de inúmeras ações positivas, e outras nem tanto assim. Admirava quando pronunciavam meu nome com fervor e paixão, finalizando os grandes acasos e os "talvezes".
Sempre bem respeitado e tendo como fiéis amigos o Realmente, o Por Certo, o Seguramente, o De Fato, a Na Verdade, a Tá e até mesmo o Ahã e a Aham, vivíamos todos na mais perfeita aceitação.
Porém, com o passar dos anos, sem muito perceber e sem saber bem o porquê, comecei a evitar a companhia desses amigos, passando a conviver mais tempo com o Provavelmente, o Talvez, o Quem Sabe, e até mesmo com o grande Não.
Insatisfeitos com essas amizades, meus pais passaram a viver amuados,

achavam a convivência com os novos amigos um verdadeiro lá e cá!
Tudo piorou e muito quando o amigo Não, sem qualquer aviso, deixou de existir definitivamente entre nós.
Com sua ausência, as mentiras e maldades criadas com o uso indevido de meu nome, ficaram assustadoras. O excesso de "sins" trouxe péssimos e incorrigíveis problemas para a humanidade, o que me deixava amargurado e triste.
Os anos se passavam e eu, cada vez mais cansado de conviver entre os erros e acertos das pessoas, passei a imaginar o mundo sem minha presença, se ficaria melhor ou pior, caso eu optasse por sumir.
Com esse pensamento em mente, saí por aí sobrevoando oceanos. Atravessei continentes e voei para o além de todas as fronteiras.
Sumir... sumir... Era tudo que eu queria.
E foi sob um céu azul e a imensidão de um mar calmo e convidativo que resolvi mergulhar!
Sim, o Sim deixará de existir, está decidido!
A água estava deliciosamente morna, como eu. As ondas brincavam com minhas letras e me levavam cada vez mais longe. Dancei entre peixes, corais e algas o bailado final.
Já exausto e sem forças, desprendi-me desse mundo.
O meu S foi se distanciando do IM. O meu M se soltou do I sem qualquer Dor.
Restava agora o último suspiro! Fechei os olhos e deixei que o Destino fosse cumprido.

***

Aqui fica registrado que em uma manhã ensolarada, junto às águas de um mar calmo e cheio de vida, o Sim se desintegrou.
Com o seu falecimento e a ausência do Não, as pessoas passaram a viver no mundo da Dúvida e do Talvez, o que causou incertezas em todos, criando um verdadeiro mal estar entre o Bem e Mal.

https://www.facebook.com/bijuka.camargo



Suspiros Poéticos

Renan Caíque
Teófilo Otoni/MG

Sorrio e pranteio pelo teu sorriso,
O mais belo que eu já pude contemplar.
Dizer que és um anjo do paraíso
Seria eufemismo para te explicar:

Tu és mais! Mas não há como eu ser preciso
Ou não me tornar indeciso em te amar
E te descrever, por seres qual Narciso,
Pois te apaixonaste por teu próprio olhar.

Os teus olhos são os versos mais bonitos
E doces, jamais podendo ser escritos
De tão perfeitos... qualquer que seja a lira!

E se invejo o vento por tocar-te inteira,
É por me encantares tu de tal maneira
Que ao lembrar-me de ti minha alma suspira!



Talvez Fosse Apenas um Menino Feliz

Reinaldo Fernandes
Brumadinho/MG

Tentava-se em vão saber o que mais lhe cansava. Não se sabe ao certo, nunca se soube. Se passar todos os dias pelas mesmas ruas, que já conhecia de olhos fechados; se o barulho infernal da campainha, tocada centenas de vezes no mesmo dia; se a falta de educação de certos passageiros; ou se o trânsito caótico de Belo Horizonte. Quando chegava à comunidade, depois daquelas longas nove horas com milhares de marchas passadas, seu Juvenal sempre perguntava:

- E aí, Geraldo, como tá?

- Cansado, Juvenal, cansado!

E seu Juvenal estava sempre ali, curtindo sua aposentadoria de trabalhador da "Manasmã", "medindo a rua" - como dizia sua mulher -, esperando Geraldo:

- E aí, Geraldo, como tá?

-Cansado, Juvenal, cansado!

Não falava, mas eu bem sabia o que cansava o motorista da linha Madre Gertrudes – Sol Nascente. "Ah! Eu ainda pego aquele neguinho!", peguei um dia ele prometendo à mulher.

"Aquele neguinho" era Deusdêti, Deusdêti Dústi Biber da Silva, mais precisamente. E não andava só. Quase sempre estava acompanhado de dois fieis escudeiros, o Jhuninho e Matheus Gordinho. Parecia ensaiado, e talvez fosse mesmo: Jhuninho agarrava-se do lado direito, Matheus Gordinho ficava escondido na parte central, equilibrando-se sabe-se Deus como; e Deusdêti ia grudado no parachoques do lado esquerdo, e essa era sua desgraça pois ficava bem aos olhos de retrovisor de Geraldo.

Creio que o que mais irritava Geraldo era a cara de Deusdêti. Ria o neguinho, mas ria gostoso, com a cara mais lavada e safada do mundo, fazendo caretas para a cara de retrovisor de Geraldo.

O pé ia fundo no freio, sem se importar com o grito de "cê tá carregando num é porco, não!" dos passageiros sacolejados. A parada brusca derrubava os meninos depois de cheirarem a lataria do ônibus e, ora ou outra, um ficava no asfalto, correndo o risco de ser "pisado" pelos veículos que vinham logo atrás ou algum que estivesse tentando ultrapassar Geraldo.

Mas adiantava alguma coisa a lição? Adiantava, não! No outro dia lá estavam eles e, no meio deles, a cara safada do neguinho Deusdêti.

E o ritual era o mesmo: 1: eles escondiam-se atrás dos passageiros e, na hora da arrancada, se atracavam ao ônibus; 2: Geraldo os percebia – menos Matheus Gordinho - pelos retrovisores; 3: a freada brusca, as caras na lataria e a queda; 4: Geraldo descendo do ônibus, bufando de raiva, cuspindo sua frase:

- Eu ainda pego você, seu moleque!

E ele esquecia-se dos dois, e só tinha olhos, raiva e cuspe para o neguinho Deusdêti.

- Você vai ver o que ainda faço com você, neguinho safado!, enquanto o menino desaparecia morro acima e os passageiros quase levavam o ônibus abaixo: "Simbora! Simbora, motô!", alheios à dor e ao ódio de Geraldo. Como estava alheio o amigo Juvenal, que só ouvia:

- Cansado, Juvenal, cansado!

Na terça, era folga. Na quarta, Geraldo estava de volta. E de volta estavam os meninos. Saíra de casa decidido a acabar com aquilo. "Hoje ponho fim nessa disgraça!", prometeu-se. E, talvez, Geraldo tivesse razão, e Deusdêti fosse mesmo apenas um menino de vida desgraçada, abandonado à sua própria sorte, sem alguém em casa para ensinar-lhe a boa educação, o respeito aos mais velhos. Talvez Deus estivesse presente em sua vida apenas em seu nome, por

uma feliz providência... ou coincidência. Talvez fosse apenas um menino feliz, brincalhão, inconsequente, uma criança.

Naquela quarta-feira, lá estavam eles e, no meio deles, a cara safada do neguinho Deusdêti. Escondidos atrás dos passageiros, esperaram a arrancada, se atracaram ao ônibus, Geraldo os percebendo – menos Matheus Gordinho - pelos retrovisores. Foi aí que Geraldo mudou a rota, virou na Casimiro de Abreu, dirigiu-se até a Alexandre Herculano, diminuiu a velocidade, quase parando... Parou. Engatou rapidamente a ré, e entrou, assim, na Desembargador Otacílio Rosberg, sem saída. Os meninos gostando do "passeio" maior, Deusdêti grudado no parachoques do lado esquerdo, rindo gostoso, com a cara mais lavada e safada do mundo, fazendo caretas para a cara de retrovisor de Geraldo.

Tudo acontecendo muito rápido e só então os passageiros começando a desconfiar do novo trajeto. Aumentou inconsequentemente a velocidade só para dar a freada brusca, as caras na lataria e a queda. Geraldo descendo do ônibus, bufando de raiva, em meio aos gritos espantados dos passageiros. Geraldo louco, o neguinho Deusdêti no chão.

O moleque tentando se levantar, Geraldo se aproximando, olhar fixo no menino com nome de Deus. Sacou a arma, três tiros no peito.

- Peguei você, seu moleque!

Os passageiros de olhos arregalados, a Polícia algemando Geraldo e ele parado, olhando para baixo. No chão, o corpo de Deusdêti em cima da poça de sangue. A mesma cara risonha, a mesma cara lavada e safa. Como se nem mesmo a morte lhe roubasse o prazer de brincar.



Tempo Líquido

Luiz Roberto da Costa Júnior
Campinas/SP

para Zygmunt Bauman

Disfarçam o medo da solidão.
Hoje, a marca principal torna-se
a ausência de comprometimento.

Relações frágeis, laços
que se desfazem,
cortam vínculos.
Relacionamento escorre
da mão como a água.
Muito dinâmico,
fluido e veloz.
Caminha na neblina
sem a certeza de nada.

O real, trocado pelo virtual,
acelera o uso do tempo e
de ocupação das pessoas.

Dificulta a
comunicação
visual e afetiva,
desconecta-se
rápido e quebra-se
como vaso de cristal.

http://www.recantodasletras.com.br/autores/lrcostajr

Um Dia Só

Cristiane Cunha Bezerra
São Paulo/SP

Já são quase meio-dia
E a cama segue ainda
Desarrumada, aflita,
Olho pra ela
Que me diz:
Leia Virginia Woolf, Clarice ou fique
No doce açúcar de meninices poéticas
Tatiana Belinki
Estou um tanto perdida
A roupa já está lavada
E elas também me olham
Por que as guardo?

Já nem me servem!
Já é mais de meio-dia
E as panelas sujas na pia,
É hora de aprontar a comida,
E a alma, que eu faço contigo?
Lavo, passo, perfumo e guardo
Ela não aceita, implica, grita e berra,
E eu dito, sossega!
Qual nada, ela nem se afeta.
Corre feito louca por cada
Canto da casa,
Nem se importa com a bagunça
Reflexo,
Espera,
Água cristalina
Há de chegar.

Uma Canção Para os Poetas

Jessyca Santiago

Belford Roxo/RJ

Quero os sinos de Allan Poe
De Byron Don Juan
De noite o amor que chegou
Mas partiu pela manhã.

De Cecília a melodia
De Drummond reflexão
Embriagada pela poesia
Nem notei a pedra no chão.

Meu amor como uma rosa
Que floresce em doce tom
Como o tigre e o carneiro
Dois lados da mesma canção.

Traga me a estrela brilhante do céu
E relate me seu celeste discurso,
Quero livre como um corcel
Respirar beleza em meu percurso.

De Varela a noite bela
Amo de todo coração
De Azevedo as donzelas

Sua lira e solidão.

No mar me perdi
Mas uma voz sempre escutei
Nas poesias que li
Reinos encantados encontrei.

Oh captain! My captain!
Não deixe me naufragar!
Quero ouvir a melodia
Das ondas dançando no mar.

Em uma cidadezinha qualquer
Qualquer um pode encontrar,
A mais bela e amena arte, a poesia,
No vento, na paisagem ao luar.

https://www.instagram.com/jess_santiago_s2/



Vens!

Erick Muguliua
Maputo – Moçambique

Vem ser feliz
Lhe garanto
Prometo dar
Tudo que não viveu
Não precisa pedir
Eu sei,
sou teu anjo

Venha viver a vida
Que não tiveste,
sei que tua vida foi um inferno
Mas eu prometo paraíso
Mas lhe darei amor

Venha se sentir mulher
Te farei minha rainha
Porque com ele
Eras como escrava
Tudo que tiveste
Foi somente servir



Viagem Para o Centro do Poder

Nilza Amaral
Campinas-SP

O Poder deslumbra, insinua, "ambush", cativa, demanda, desmanda, vislumbra, domina, escraviza, corrompe, corrói, impele, repele, angaria, arrecada, consome.
O Poder tem armas: :mata, desnuda, estupra, desfigura, maquia, finge, dita, desdita, embrutece, humilha, dobra.
O poder elimina a sociedade, e o indivíduo .Anula o homem, estatela.
O poder reflete inércia, depressão, brutalidade. O mundo gravita em torno do Poder.
O trono do poder refulge, atrai, convida, alucina. Os meios para o poder são todos válidos: a usurpação, a enganação, as trocas, as armações, a religião, a fraqueza humana. A Natureza, esvazia-se de sensibilidade, enche-se de hostilidade. Vinga-se. Transforma-se. O Poder é passageiro, O tempo do Poder não é o nosso tempo. É o tempo dos deuses. O Poder é o brinquedo dos deuses. Até que eles se cansem e transforme o Poder em Decadência. Essa substituta do Poder é a razão e a consequência dos poderosos. E chega-se a uma verdade: toda ação tem uma reação contrária. A reação é o Caos.
Porém, àquele estadista nada disso importava, ou achava que com ele jamais aconteceria, afinal estava pensando no Povo, ignorando, ou querendo ignorar, que o Povo é a mola propulsora do Poder, é pelo Povo que os heróis se arriscam, se sobrepujam, é com o aval dele, que se enfrentam.
Em se expondo, se infiltrando, trazendo para si a atenção do mundo, proclamando que sua única intenção era salvaguardar a cidadania de uma população sofrida e esquecida pela humanidade, apoiado pelos órgãos da paz mundial que talvez com a melhor das intenções buscavam um líder para seus propósitos ou uma justificativa para sua existência.
Sua figura tornou-se conhecida da população, todos admiravam aquele homem desprendido, belo como um deus que largava o conforto de seu lar, a vida cômoda que conseguira, para dedicar-se à pessoas desconhecidas, do país desconhecido apenas lembrado como um depósito de miseráveis.
Na verdade, o Estadista percebia a manipulação de sua mente agindo sub-repticiamente, muito menos desconfiava que seguia a máxima antiga de "quem em terra de cegos quem tem um olho é rei". Não, ele não se aproveitaria do Poder se o conquistasse. Pensava nas crianças abandonadas pelas ruas das

cidades, órfãos da guerra sem sentido, que explodira naquela minúscula nação que morria de fome. Muitos lutavam ali pelo Poder de ditar as regras de como distribuir felicidade na terra de ninguém.
Impulsionado pela febre que acomete o corpo, pela excitação e pela ambição, inspirado pelas leituras shakespearianas, pelas aventuras épicas de heróis medievais, julgou-se um novo salvador. E assim arregaçou as mangas. Escolheu adeptos, nacionalizou empresas estrangeiras, construiu centros médicos, oficializou o ensino e a saúde. O Povo não questionava porque aquele homem que passaram a chamar de protetor lutava por ele, e não pelos carentes de seu país tão necessitados quanto ele. Ele possuía a resposta: solidariedade entre irmãos da mesma raça.
O Povo entusiasmado pela expectativa de uma vida melhor, aclamava e aplaudia. Contra a massa não há resistência. Principalmente a massa sofrida e espoliada. O tempo ajudava. Tudo muito rápido.
Instala-se o novo Poder. Exalta-se o herói. As riquezas do país, baseia-se na produção de alimentos e nas pedras preciosas que proliferam nos veios das montanhas. Em nome do Estado todo o extrativismo permanece no país.
O mundo exterior exige eleições. Querem o Poder da democracia. O Poder da economia baseada no valor faccioso do dinheiro. Na importação e exportação. A resistência provoca invasões e proclama direitos. A necessidade da guerra para a paz exige resposta.
O Poder enfraquece. O Povo exige direitos. O estadista está só. A solidão do Poder instala-se e o herói perde o momento certo de dizer não. O país está à beira do Caos.
Novo salvador, novas regras. O Povo tem novas esperanças. Novas valises. Novas viagens.



Vir a ser Nathalia

Rafael Weiss Brandt

Tem uma relação na pele com a vida, da qual é amante. Verdade, preciso admitir, é de vez em quando forçada a presentear um sorriso amarelo nas pequenices de sua sociedade. Mas, segredo: nem precisava. A harmonia lhe é natural – sorri baratinho, sem precisar parcelar. Como é baratinha também a humanidade que também dela escorre nas fendas da rotina. Pouca coisa, nela, não sai assim de bom grado.

Quietinha, fala muito, suspirando numa indecisão tão inerente a sua personalidade – e daí suspiram junto os muitos homens que a ela desejam tal qual bife a ser batido antes do cozimento. A ela nunca é muito aprazível ser assim refeição corrida, pra matar a fome. As vezes deixa, mas se deixa. Não deixa eles. Diferente. É que ela tem também muita fome. A principal delas: a fome de fome. Homem nunca entende isso.

Dá pra ver, claríssimo, olhando aqui, que é emoção a regra de seu colocar-se no mundo. Particularmente, há quem ache esse jeito doce de ser pulsando só pueril. Há quem ache isto a encarnação empírica mesma da vida, de beleza estonteante. Fico particularmente dividido, como a indecisão dela – será isto reflexo da arte respirante que é Nathalia? É que se pulsa o sexo, pulsa o universo, pulsa Nathalia, quem sou eu para, ególatra, não pulsar também?

A verdade é que Nathalia é apaixonante. É atriz, sempre foi, mas pensa só que quer ser. Coisinhas pequenas nela são extraordinariamente aveludadas e pontilhadas como as sardas de seu rosto quase onírico.

Fiquei sabendo de seu modesto carro de classe média dolorida, chamado Dora. Dora a acompanhou em muitos *castings* gloriosos ou não. Em muitas viagens para interiores descoloridos do Brasil, de repente irisados pelos sorridos grátis de Nathalia (e por sinapses saltitando em THC, confessemos). Em

muitas noites dela doando e sorvendo luxúria. Em discretas lágrimas numa quarta nublada da indiferente Curitiba. Dora sempre esteve ali, idiossincrática em seu tom verde espalhafatoso, contracenando com o vermelho ardência dos cabelos e da alma dela.

Um dia roubaram Dora. Roubaram-na sem dó, como tanto sem dó o fazem tudo, e o chão já não muito firme de Nathalia, fiquei sabendo, ficou sumido por um tempo. Uns dias, talvez. O crime de Dora era existir única e a pena foi a violação: desmembraram-na de todas as peças e de toda a essência, restando a dor que eu, você e Nathalia podíamos sentir pelo passado.

Mas é assim. Vida vai, vida vem. Tudo fica bem.

Um dia roubaram Nathalia. Roubaram-na sem dó, como tanto sem dó o fazem tudo, e o meu chão muito firme, saibam, ficou sumido por um tempo. Não sei quantos dias mais. O crime de Nathalia era existir única, nascida num falo, fez-se mulher mais pura por ter de se fazer num mundo hostil, e a pena foi a violação: estupraram-na do e no corpo que presumia dela, restando a dor que só eu e você podemos agora sentir.

Não devia ser assim. Vida vai, vida vem. Vai ficar tudo bem?



Chamada Especial da Ong "Mulheres Pela Paz"

Uma chamada especial de Augsburg, cidade da paz na Baviera para que todos participem do Varal de Poesias dedicados ao tema PAZ. O poeta Reiner Mayr convida a todos interessados na sua website:

https://www.augschburger-poesie-kaeschtle.de/

Somente aceitaremos poemas enviados pelo correio, para o endereço abaixo:

Mehrgenerationenhaus Augsburg

(Mulheres pela Paz Frauen für Frieden)

Von-Cobres Str.1

86199 Augsburg

Deutschland / Alemanha

Celebraremos o dia internacional da mulher nos seguintes locais:

~Kulturhaus Kresslesmühle (08.03.2018, 19h)

~A Coletânea Internacional será entregue no Consulado Geral em Munique (09.03.2018)

~Mantras pela PAZ (09.03.2018)

~Neruda Kultur Café (10.03.2018, 20h)

~Stadtbücherei Göggingen (11.03.2018, 11h)

Todos detalhes sobre os eventos + apoiadores nacionais & internacionais serão publicados na fanpage das Mulheres pela Paz Frauen für Frieden

https://www.facebook.com/Mulheres-pela-Paz-Frauen-für-Frieden-456642538000869/

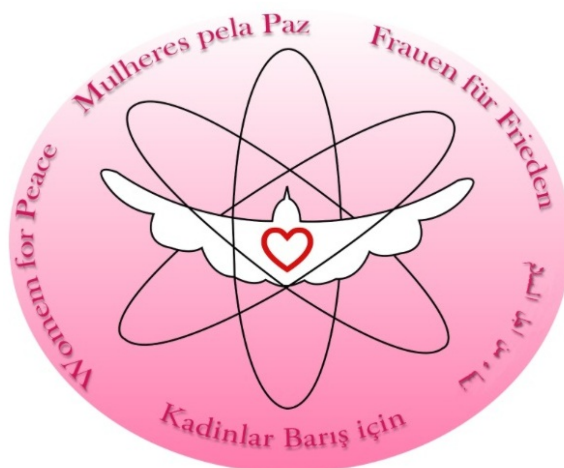
Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix

France & Genève Suisse

Mehr Generationen Haus

Mehrgenerationentreff (MGT)
Von-Cobres-Str. 1
86199 Augsburg

www.augschburger-poesie-kaeschtle.de



Lançamento da E-Vista

E-Vista é uma revista inicialmente digital que visa trazer em seus conteúdos informações relevantes no setor editorial independente. Seja para um escritor iniciante ou a um editor de coletânea, passando pelo designer que trabalha em capas para atender a grande demanda de "novos" escritores, até chegar ao leitor que apenas quer usufruir de uma boa leitura.



http://e-vista.net/edicoes/





LiteraAmigos

Espaço dedicado a todas as entidades e projetos amigos que de alguma forma nos ajudam ou possuem proposta de trabalho semelhante a nossa:

"Revista Varal do Brasil" - uma revista criada na Suíça pela escritora brasileira Jacqueline Aisenman, que por sete anos uniu escritores num varal cultural que se estendeu por todo o mundo. Esta revista é a "Mãe" da LiteraLivre.

Leiam as edições:

http://varaldobrasil.ch/leia-as-revistas/







"Casa Brasil Liechtenstein" - uma organização cultural criada para promover eventos e cursos para brasileiros na Europa.

https://www.facebook.com/casabrasil.li/





"Mulheres Audiovisual" - uma plataforma criada para unir as mulheres e a arte em geral, cadastre seu portifólio e participe:

http://mulheresaudiovisual.com.br/

Elemental Editoração

ELEMENTAL EDITORAÇÃO
Elemental Editoração
Fernando Lima
Diretor Geral
(11) 9.7423-6213
seloee@outlook.com
www.seloee.weebly.com

Elemental Editoração é um selo editorial independente do qual edita e publica livros nos formatos impressos e digitais sem qualquer vínculo com editoras.

https://seloee.weebly.com/



Rosimeire Leal Da Motta Piredda – Escritora e Poetisa.
E-BOOKS GRATUITOS EM PDF
REVISTAS LITERÁRIAS

Leia e baixe gratuitamente

e-books com coletâneas de vários autores.

https://www.rosimeiremotta.com.br/e-books-gratuitos.htm



Não deixe de participar da próxima edição!!!

O prazo para envio é até 10/02

Envie seu(s) texto(s) o quanto antes.

Também aceitamos, fotos, desenhos, tirinhas, etc...

Leia as edições anteriores em nosso site!

Assine a revista e não perca nenhuma edição.

Os textos enviados fora do prazo serão reservados para edições futuras.



Mudar o mundo através das palavras

http://cultissimo.wixsite.com/revistaliteralivre

https://www.facebook.com/RevistaLiteraLivre/